

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
CURSO DE PLANEJAMENTO E GESTÃO PARA O DESENVOLVIMENTO RURAL
- PLAGEDER**

João José De Ávila Nunes

**ATIVIDADE LEITEIRA E AGRICULTURA FAMILIAR EM HULHA NEGRA – RS :
limitações e potencialidades da Cooperativa Agrícola Mista Aceguá para o
desenvolvimento local**

**Hulha Negra
2011**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
CURSO DE PLANEJAMENTO E GESTÃO PARA O DESENVOLVIMENTO RURAL
- PLAGEDER**

João José De Ávila Nunes

**ATIVIDADE LEITEIRA E AGRICULTURA FAMILIAR EM HULHA NEGRA – RS :
limitações e potencialidades da Cooperativa Agrícola Mista Aceguá para o
desenvolvimento local**

Trabalho de conclusão submetido ao Curso de Graduação Tecnológico em Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural - PLAGEDER, da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título de Tecnólogo em Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural .

Orientadora: Prof .^a Dr. ^a Fernanda Bastos de Mello

Co orientadora: Tutora Monique Medeiros

**Hulha Negra
2011**

JOÃO JOSÉ DE ÁVILA NUNES

**ATIVIDADE LEITEIRA E AGRICULTURA FAMILIAR EM HULHA NEGRA – RS :
limitações e potencialidades da Cooperativa Agrícola Mista Aceguá para o
desenvolvimento local**

Trabalho de conclusão submetido ao Curso de Graduação Tecnológico em Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural - PLAGEDER, da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título de Tecnólogo em Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural .

Aprovado com Conceito (_____)

Prof(a). Dr(a). Fernanda Bastos de Mello
Orientador
UFRGS

Prof(a). Patrícia Binkowski
UFRGS

Prof(a). Dr(a). Marcelo Antônio Conterato
UFRGS
Hulha Negra, _____ de _____ de 2011.

Dedico a meu pai e minha mãe, agricultores familiares que sempre enfrentaram dificuldades em seu dia a dia e não esmoreceram, o que permitiu a seu filho estudar, compreender o seu entorno, e os motivos que levam a realidade dele.

AGRADECIMENTOS

Muitas utopias nos acompanham pelo caminho da vida, lá de cima o Pai Celeste que nos guia nesta caminhada, nos apresenta pessoas maravilhosas que nos auxiliam a chegar o mais perto possível de realizar nossos sonhos fazendo com que estes deixem de ser utopia e passem a ser realidade.

Agradeço aos meus pais, Osvaldo e Tereza, pela presença constante em minha caminhada, à minha companheira, amiga e esposa, que sempre se esforçou para acompanhar os meus sonhos.

À UFRGS e ao PLAGEDER pela oportunidade de desenvolver esse curso e garantir o acesso gratuito ao ensino superior e a todos os professores pela paciência, amizade e pelo conhecimento transmitido, que me ajudou na elaboração desta monografia.

À Cooperativa Agrícola Mista Aceguá LTDA e aos produtores entrevistados, que contribuíram para minha vida acadêmica, com certeza é uma amizade que vai ficar para sempre.

Aos meus amigos que sempre estiveram presentes e colegas do pólo de Hulha Negra e também à tutora Márcia Barbosa que não mede esforços para manter unido este grupo até o momento. Estendo este agradecimento a Mirela que me enviou o edital do PLAGEDER e propiciou que esta jornada fosse possível.

À professora Fernanda Bastos de Mello e à tutora Monique Medeiros, minha gratidão por compartilhar seus conhecimentos orientando e disponibilizando suas contribuições imprescindíveis durante este percurso.

RESUMO

Este trabalho foi realizado no município de Hulha Negra no estado do Rio Grande do Sul com o objetivo de estudar as contribuições econômicas e técnico produtivas da Cooperativa Agrícola Mista Aceguá (CAMAL) para o desenvolvimento local, procurando compreender a influência da cooperativa na bacia leiteira e na agricultura familiar do município. Para atingir este objetivo realizou-se revisão bibliográfica sobre os temas envolvidos como agricultura familiar, atividade leiteira e cooperativismo, interligando-os com os princípios que norteiam o desenvolvimento local sustentável. Em seguida foi feita pesquisa qualitativa através da aplicação de uma entrevista de roteiro semi-estruturado a produtores e gestores da CAMAL procurando descrever os processos históricos de sua constituição e analisar os fatores das relações que estão presentes entre a agricultura familiar produtora de leite e cooperativismo. Entre outros resultados obtidos, conclui-se que apesar de ainda enfrentar uma série de dificuldades e limitações, a CAMAL tem relevante participação sobre a formação da bacia leiteira do município dando origem ao cooperativismo entre os agricultores familiares e parcela de contribuição no desenvolvimento local.

Palavras Chaves: agricultura familiar; cooperativismo; desenvolvimento local; bacia leiteira.

ABSTRACT

This work was conducted in the municipality of the state of Hulha Negra Rio Grande do Sul in order to study the technical and economic contributions of the Cooperativa Agrícola Mista productive Aceguá for local development, seeking to understand the influence of the cooperative dairy farming and family farming the municipality. To achieve this goal we carried out literature review on the issues involved as family farming, dairy cooperatives and by linking them with the principles that guide the sustainable local development. Then qualitative research was done by applying a semi-structured interviews the producers and managers CAMAL trying to describe the historical processes of its constitution and analyze the factors that are present relations between the family farm producing milk and cooperative. Among other results it was concluded that CAMAL has significant participation on the formation of dairy farming in the city leading to cooperative between farmers and share of contribution to local development.

Key words: family farm; cooperatives; local development; dairy farming.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|--|----|
| Figura 1- Mapa Geográfico da Região da Campanha..... | 12 |
| Figura 2 Comparativo entre o preço pago pela CAMAL e pela COSULATI pelo litro de leite em Hulha Negra de Janeiro de 2005 a Dezembro de 2005..... | 36 |
| Figura 3- Estratificação dos sócios da CAMAL conforme a área..... | 38 |

LISTA DE TABELAS

| | |
|--|----|
| Tabela 1 Principais produtos, número de estabelecimento e Valor de Produção de Hulha Negra, em 2006..... | 13 |
| Tabela 2 Propriedades produtoras de leite de Hulha Negra, em 2006..... | 13 |
| Tabela 3 Participação da CAMAL no mercado gaúcho com relação à produção coletada pelas cooperativas..... | 26 |
| Tabela 4 Propriedades produtoras de leite e grãos de Hulha Negra, em 2006..... | 44 |

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| 1 INTRODUÇÃO | 10 |
| 2 METODOLOGIA..... | 16 |
| 2.1 Coleta de dados..... | 16 |
| 2.2 Análise de dados..... | 17 |
| 3 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA..... | 19 |
| 3.1 A evolução do cooperativismo no Rio Grande do Sul e no município de Hulha Negra..... | 19 |
| 3.2 Agroindústria cooperativa e a cadeia produtiva do leite: sua importância e arranjo organizacional em busca do desenvolvimento local..... | 26 |
| 3.3 Agricultura familiar e a atividade leiteira em Hulha Negra nos últimos 50 anos..... | 29 |
| 3.4 A cooperativa CAMAL: limitações técnicas e organizacionais na relação entre a cooperativa e seus cooperados..... | 32 |
| 4 RESULTADO E DISCUSSÃO..... | 40 |
| 4.1 As Contribuições socioeconômicas | 40 |
| 4.2 Contribuições técnico produtivas..... | 44 |
| 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 48 |
| REFERÊNCIAS..... | 50 |
| APÊNDICE - A- Roteiro de entrevista semi-estruturada aos produtores de leite ligados a CAMAL..... | 54 |
| APÊNDICE - B- Roteiro de entrevista semi-estruturada aos funcionários ligados a CAMAL..... | 55 |
| APÊNDICE C – Lista de pessoas que responderam às entrevistas..... | 56 |
| ANEXO A - Fotos da CAMAL ao longo sua trajetória..... | 57 |

1 INTRODUÇÃO

Ao longo da formação no curso Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural (PLAGEDER) ofertado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, foram apresentados diferentes disciplinas que abordaram o tema “desenvolvimento” em suas diferentes dimensões, ressaltando os aspectos históricos, sociais, econômicos e demográficos. Essas disciplinas mostraram também como distintas teorias auxiliam a explicar o caráter desigual do desenvolvimento no Brasil, problematizando questões relacionadas ao desenvolvimento rural baseado na realidade agrária local e regional. Vale ressaltar que no decorrer deste curso, pode-se analisar e compreender que o desenvolvimento rural implica em um conjunto complexo de ações econômicas, sociais e culturais, cuja racionalidade é orientada pela participação de seus agentes organizados para garantir o acesso aos benefícios da produção igualitária para todos, e é partindo deste ponto de vista inicial que este trabalho se propõe a estudar a atividade leiteira e a agricultura familiar em Hulha Negra analisando as contribuições socioeconômicas e técnico produtivas da Cooperativa Agrícola Mista Aceguá para o desenvolvimento local.

Durante esta trajetória acadêmica percebe-se que nas últimas décadas, o setor agrícola, e o Brasil como um todo, passou por diversas transformações, o que levou a agricultura brasileira a tornar-se subalterna a uma dinâmica de mercado relacionado aos produtos agrícolas e quanto ao uso de insumos industrializados utilizados na produção, elevação dos investimentos em maquinários, agroquímicos e equipamentos ocasionando uma exclusão dos agricultores familiares que aderiram a este pacote, pois estas políticas não levaram em consideração as questões sociais na estrutura agrária, nos recursos naturais, na concentração de renda e nas disparidades regionais. Assim este modelo agroindustrial não foi capaz de promover o desenvolvimento rural em suas amplas dimensões (sociais, econômicas e ambientais) devido à padronização das questões agrícolas e agrárias do país (KAGEYAMA *et al* 1990).

Para Graziano da Silva (1996) esta política agrícola se dá a partir da década de 1960 quando surge um novo padrão agrícola devido à transformação da estrutura e às articulações e integração com a economia global. Neste contexto a agricultura perde sua autonomia e se torna dependente da dinâmica da agroindústria, ou seja, deve ser analisada como algo integrado ao complexo agroindustrial a que pertence. Outro fato que o autor destaca é a

“orquestração de interesses” entre ações das forças sindicais, econômicas e políticas dos agentes que integram o Complexo Agroindustrial¹ e pela ação do Estado através de políticas públicas e suas agências, ao estabelecer relações particulares com os agentes anteriormente citados.

Todo este contexto tornou o Brasil agroexportador, buscando na agricultura a saída para o fortalecimento da sua economia, equilíbrio da balança comercial e geração de emprego e renda onde o agronegócio patronal é responsável por 67% do Produto Interno Bruto (PIB) agrícola contra 33% da agricultura familiar² como afirma a FIPE – Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (2004). Porém segundo o IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2009), 60% dos alimentos que estão na mesa dos brasileiros vem da agricultura familiar elevando a importância deste segmento para a segurança alimentar de nosso país.

No Brasil uma das principais atividades ligada à agricultura familiar é a produção de leite. Produção esta apontada por muitos autores como uma alternativa para a agricultura familiar, pois esta atividade constitui uma estratégia em função do baixo risco da exploração, elevada liquidez do capital imobilizado em animais e a frequência do fluxo de receitas da atividade a qual depende das relações com o mercado. Segundo dados do IBGE (2005), o leite pode ser considerado um dos produtos mais importantes para a agricultura brasileira está presente em mais de 1,8 milhões de propriedades familiares onde estes agricultores representam 52% do valor total da produção de leite brasileiro.

No Rio Grande do Sul, o Censo Agropecuário do IBGE de 1995/1996 salienta que 187,1 mil estabelecimentos agropecuários têm a produção leiteira como principal atividade, indicando que o estado é o terceiro produtor nacional de leite, com 10,6% da produção nacional ou 2.285.806 mil litros, bem distribuída pelo território com destaque para as regiões Noroeste colonial com 11,3%, a fronteira Noroeste com 9,4% e a Serra com 8,1% do leite produzido no Estado.

O município de Hulha Negra, tradicional na exploração da pecuária de corte, com a migração de agricultores de origem europeia por volta dos anos de 1920 começou com o trigo do qual os imigrantes de origem alemã e seus descendentes tinham conhecimento e tradição na referida cultura, porém com os problemas que abalaram as lavouras na região (problemas

¹ Segundo Graziano da Silva (1996), um complexo agroindustrial apresenta relações técnicas existentes entre os distintos segmentos do sistema estabelecendo relações de determinação, do ponto de vista dinâmico e relação de elementos constituintes.

² Ao longo do curso compreende-se que agricultura familiar apresenta duas características principais administração da própria família e o trabalho empregado na propriedade é da própria família com ou sem ajuda de terceiros. Embora em algumas disciplinas este conceito se apresente mais um tratamento analítico do que operacional (BEROLTD et al , 2009).

sanitários e de mercado) levaram estes descendentes europeus a migrar para a produção de leite, queijo e outros derivados aproveitando as potencialidades locais (como clima e solos). Esta atividade começou nas unidades familiares oriundas desse processo de colonização e nos anos seguintes chegou às demais unidades de produção familiar de nativos da região vizinha às colonizações, Conforme a Figura 1 abaixo podemos observar as primeiras colônias europeias da região de Trigolândia (1920) e de Colônia Nova (1947) como centros que deram origem a atividade leiteira na região.



FIGURA 1- Localização Geográfica da Região da Campanha

Fonte: (LUNELLI, 2001 p. 49).

No município de Hulha Negra, atualmente a bacia leiteira está caracterizada pela produção familiar com propriedades pequenas, que possuem em média 1,6 módulos rurais³. Segundo o censo agropecuário realizado pelo IBGE (2006), 71% dos estabelecimentos agropecuários do município apresentam atividade leiteira. Quando as propriedades possuem esta atividade 41,2% de sua renda vem da produção de leite conforme a tabela abaixo.

³ O módulo rural de Hulha Negra é de 28 hectares.

TABELA 1- Principais produtos, número de estabelecimento e Valor de Produção, de Hulha Negra, em 2006

| Número de Propriedades | Produto | Nº de estabelecimentos produtores | % dos estabelecimentos produtores | Percentual V.P.* |
|------------------------|-------------------|-----------------------------------|-----------------------------------|------------------|
| 997 | Leite | 701 | 71 | 41,2 |
| | Milho | 281 | 28 | 24,4 |
| | Pecuária de corte | 214 | 21 | 19,7 |

VP= Valor de Produção

Fonte: Censo Agropecuário 2006.

TABELA 2- Propriedades produtoras de leite de Hulha Negra, em 2006

| Número propriedades | Produtoras de leite | Propriedades produtoras de leite ligadas à agricultura familiar | Renda média por produtor (R\$/ano) | Produção Média por Propriedade (L/ano) |
|---------------------|---------------------|---|-------------------------------------|--|
| 997 | 701 | 613 | 4128 | 10551 |

Fonte: IBGE – Censo Agropecuário 2006

Percebe-se assim a importância da atividade leiteira para a agricultura familiar no município. Porém com as transformações ocorridas na cadeia agroindustrial do leite na década de 1990, dentre as quais alguns autores como Bitencourt *et al.* (2000) destacam a desregulamentação dos preços pelo governo, abertura do mercado nacional, entrada de empresas multinacionais, o crescimento na demanda do leite *Ultra High Temperature* (UHT) e criação de normas sanitárias sobre a produção e industrialização do leite. Com estas medidas existe uma pressão que está ocasionando uma seleção dos produtores conforme sua eficiência econômica e capacidade de se adaptar a estas novas regras de mercado.

Com esta nova realidade, a permanência destas famílias no campo e na atividade leiteira depende cada vez mais de sua capacidade de organização e acesso a políticas públicas que viabilizem o desenvolvimento contemplando as dimensões econômica, social e humana. Os agricultores familiares organizados são capazes de aumentar a renda e gerar possibilidades para melhorar sua capacidade produtiva, neste sentido as cooperativas podem contribuir com mecanismos de desenvolvimento local (ABRAMOVAY *et al.* 1996).

Considerando a importância da discussão sobre desenvolvimento rural, existe a crescente demanda para se encontrar mecanismos como as cooperativas que facilitem o desenvolvimento local, adaptando hábitos de uma comunidade ou região a fim de proporcionar a realização de novas ações e estratégias para promover o desenvolvimento local com perspectivas mais sustentáveis. Sustentabilidade hoje é um tema cotidiano, que muitas vezes esta sendo mal empregado ou usado para promover determinada marca ou produto.

Porém ao longo deste curso de uma forma mais simples entende-se que sustentabilidade passa pelo campo social, ambiental, cultural e econômico. Sendo estas, a base para qualquer atitude sustentável indo além da ideologia passando por uma necessidade real de promover o desenvolvimento humano e global como um todo, não é uma ciência exata onde caso a caso deve ser analisado. Neste contexto as políticas de apoio à agricultura familiar devem contemplar também as atividades não-agrícolas (agroindústria, turismo rural), gerando renda e ocupação, bem como priorizar investimentos públicos que garantam serviços de pesquisa, assistência técnica, extensão rural e outros, sempre comprometidos com a sustentabilidade. (DAL SOGLIO e KUBO, 2009).

Entende-se que as cooperativas podem ser uma oportunidade para melhorar as condições destes agricultores frente ao mercado lácteo dominado por grandes complexos agroindustriais, permitindo aos agricultores familiares que produzem em escala reduzida e que possuem um déficit tecnológico, encontrarem uma possibilidade de manutenção na atividade leiteira em um mercado concorrencial e seletivo. Porém os sistemas cooperativos assim como outros sistemas organizativos sociais apresentam algumas limitações pelas dificuldades de gestão e organização, visto que a estrutura de suporte de trabalho e assistência técnica é bastante reduzida e a demanda colocada de articulação e organização é muito grande (SCHUBERT e NIEDERLE, 2009).

Sendo assim, neste trabalho o tema abordado refere-se a limitações e potencialidades da Cooperativa Agrícola Mista Aceguá para o desenvolvimento local, analisando as suas contribuições sócio econômicas e técnicas produtivas relacionadas à atividade leiteira praticada pela agricultura familiar, tendo em vista o processo de transformação local, social e econômico com as alterações na cadeia produtiva do leite ao longo dos anos e a situação da agricultura familiar neste contexto, fica clara a necessidade de investigar os fatores que levaram a esta situação no município. Desta maneira, a questão central da pesquisa é: Quais são as contribuições socioeconômicas e técnico-produtivas, relacionadas à atividade leiteira praticada por agricultores familiares em Hulha Negra - RS, decorrentes da construção da CAMAL no município?

Considerando a importância dos debates acadêmicos e a necessidade de políticas públicas entorno do desenvolvimento rural, mais especificamente sobre o desenvolvimento sustentável, há uma crescente exigência de se encontrar mecanismos que os promovam, como o cooperativismo. Desta forma, o objetivo geral desta pesquisa é analisar contribuições socioeconômicas e técnico-produtivas, relacionadas à atividade leiteira praticada por

agricultores familiares de Hulha Negra- RS, decorrentes da construção da CAMAL no município.

Para se atingir este objetivo central alguns objetivos específicos foram considerados, como:

- Analisar a influência da agroindústria cooperativa, CAMAL, na cadeia produtiva do leite no município em estudo;

- Compreender a relação da atividade leiteira do município com a agricultura familiar a partir dos anos 1950 até a atualidade;

- Identificar as principais limitações técnicas e organizacionais na relação entre a cooperativa e seus cooperados.

2 METODOLOGIA

Este trabalho foi realizado no município de Hulha Negra no estado do Rio Grande do Sul localizado na região da Campanha onde a agricultura e a pecuária são as atividades em que se baseia a economia local.

Foi realizada pesquisa qualitativa através da qual se procurou responder a questões muito particulares, preocupando-se com um nível de realidade o qual não pode ser quantificado, tal como: motivos, aspirações, costumes, crenças, traços culturais, valores e atitudes que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (LUNELLI, 2009). Busca-se assim explicar as transformações socioeconômicas e técnico-produtivas relacionadas à atividade leiteira praticada por agricultores familiares no município de Hulha Negra - RS, decorrentes da construção da CAMAL. Direcionando a pontos específicos a fim de obterem-se resultados, tendo-se por objetivo produzir informações aprofundadas sejam elas pequenas ou grandes, o importante é gerar novas informações (DESLAURIERS, 1991 *apud* GOLDENBERG, 1999).

A presente pesquisa pode ser classificada como qualitativa pelo fato de procurar descrever os processos históricos de sua constituição e analisar os fatores e as relações que estão presente entre a agricultura familiar produtora de leite e o cooperativismo.

Os procedimentos metodológicos do trabalho começaram com pesquisa bibliográfica realizada junto a materiais publicados em livros, revistas, jornais e redes eletrônicas materiais acessíveis ao público em geral. Desta forma foi possível construir uma fundamentação teórica de estudo para os assuntos relacionados a cooperativismo e agricultura familiar além de outras fontes que relacionam o ligamento destes com a cadeia produtiva do leite.

2.1 Coleta de dados

A coleta de dados se deu através da pesquisa documental, analisando os documentos da cooperativa, planos e projetos, relatórios financeiros e históricos disponibilizados pela mesma e seus associados. A observação não participante aberta e a interrogação direta através

de entrevistas semi-estruturadas com os gestores da cooperativa e cooperados que tenham participação ativa na CAMAL.

Foram levantados os dados referentes à cooperativa nos últimos cinquenta anos com relação a sua fundação, desenvolvimento e atuação nos campos econômicos, sociais e técnicos produtivos na atividade leiteira ligada a agricultura familiar no município de Hulha Negra. Para análise externa foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com os cooperados baseados nos objetivos específicos desta pesquisa, abrangendo questões relativas às características sócio-econômicas do produtor e suas unidades produtivas (renda, propriedade, produção, escolaridade, acesso a políticas públicas) e sua relação com a cooperativa.

Este tipo de entrevista foi escolhido porque através do roteiro disponibilizado sobre o tema foi permitido aos entrevistados falem livremente sobre o assunto conforme o desdobramento da conversa, permitindo que o pesquisador não se distancie de seu objetivo que é analisar as contribuições socioeconômicas e técnico-produtivas da CAMAL relacionada à atividade leiteira praticada pelos agricultores familiares de Hulha Negra. Foram selecionados cinco produtores de leite ligados à agricultura familiar e dois representantes da cooperativa. Os produtores de leite entrevistados são sócios da CAMAL, pertencentes ao município de Hulha Negra, e possuem instrução mínima para responder a entrevista de forma consciente e possuem participação nos eventos promovidos pela cooperativa. Os representantes da CAMAL são ligados ao setor de laticínios da empresa. Para chegar até estes informantes foi feita uma visita anterior onde a CAMAL indicou dois gestores para a entrevista e disponibilizou um mapa com a localização de seus associados dentro do município onde se procurou abordar produtores de leite de diferentes regiões do município ligados a agricultura familiar e detenham informações relevantes para este trabalho. Vale ressaltar que os roteiros utilizados para a realização das entrevistas se encontram nos apêndices deste trabalho.

2.2 Análise dos dados

Para a análise dos dados levantados na pesquisa foi utilizado o método interpretativo. Essa interpretação é feita através dos dados que consistem em descrições e considerações dos participantes no local da pesquisa, em conjunto com as observações do pesquisador sobre

atividade e interações, considerando o contexto, devendo o pesquisador desenvolver empatia com esses, a fim de entender o que eles revelam em termos da realidade dos participantes (IGNÁCIO e DE SÁ, 2008). Buscou-se identificar e compreender, de forma mais completa e consubstanciada as razões que levaram estes agricultores ligados a cooperativa a tal grau de desenvolvimento que apresentam atualmente.

3 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Neste capítulo é feita uma revisão da literatura onde são abordados temas referentes à pesquisa proposta. No primeiro subcapítulo apresenta-se a evolução do cooperativismo no estado e suas consequências sobre a cadeia produtiva do leite no município. No segundo subcapítulo analisa-se a importância da agroindústria cooperativa na cadeia produtiva do leite em busca do desenvolvimento local através da atuação dos diferentes atores e organizações sociais.

No terceiro subcapítulo abordam-se as relações da agricultura familiar com a atividade leiteira nos últimos 50 anos estabelecendo uma relação com o município de Hulha Negra e finalmente, no quarto subcapítulo busca-se identificar as limitações técnicas e organizacionais entre cooperados e cooperativa no caso da CAMAL.

3.1 A evolução do cooperativismo no Rio Grande do Sul e no município de Hulha Negra

Conhecer este histórico é importante para compreender que fatos levaram a atual situação do cooperativismo gaúcho e de Hulha Negra, sua relação com a cadeia produtiva de leite e agricultura familiar. No Brasil o cooperativismo surge no século XIX com as cooperativas de consumo no estado do Rio de Janeiro, com os mesmos propósitos das europeias, porém só na década de 1970 é que foi instituída a Política Nacional de Cooperativismo, definida através da Lei nº 5.764/71 (MARASCHIN, 2004), que institui o regime jurídico das sociedades cooperativas.

No início do século XX esta forma de organização chega ao Rio Grande do Sul. Em anos seguintes, surge no estado o cooperativismo agrícola que buscava excluir os intermediários e facilitar a venda dos produtos dos colonos, sem estes intermediários era permitido uma maior lucratividade dos agricultores. No estado tivemos desde a década de 1930, políticas que incentivaram a implementação de cooperativas; além da necessidade dos agricultores de retirar a figura do atravessador podemos citar o espírito cooperativista dos colonos europeus que chegaram ao estado para praticar a agricultura. Nas décadas de 1960 e 1970 as cooperativas possuíram papel fundamental na agricultura brasileira sob a ótica do Estado, pois estas tinham a incumbência de difundir entre os produtores o pacote da

“Revolução Verde”, tendo como principais elementos, a difusão de relações de trabalho capitalistas no meio rural e a incorporação de insumos industriais à tecnologia de produção. Este processo de modernização da agricultura promovida pelo Estado através das cooperativas reduziria os custos operacionais, de circulação e produção, facilitaria a compra de grãos, oportunizaria a difusão e incorporação de tecnologia avançada, garantiria maior produtividade física e econômica da lavoura (BENETTI, 1982 *apud* DUARTE, 1991).

Porém nas décadas seguintes com as transformações econômicas do país e sucessivos planos econômicos fracassados, o Estado corta os recursos financeiros e assistência às cooperativas obrigando estas a se adequarem à realidade do mercado, preocupadas com a sua sobrevivência econômica acabam restringindo seu papel social junto às comunidades locais. Segundo Ew (2001, p.41) “os endividamentos destas cooperativas combinados com momento econômico do país que passava por uma forte crise formaram uma combinação desastrosa para as cooperativas”.

Com esta nova conjuntura política e econômica as cooperativas de todos os ramos sofrem a mesma pressão por mais eficiência e competitividade, pois estas demandam capitalização, fidelidade, transparência, gerência, profissionalismo, marketing, qualidade e controle de custos. Neste momento iniciam-se os processos de fusões, ou seja, alianças estratégicas para atuação no mercado. As cooperativas encontram dificuldades para adaptar-se à nova realidade internacional, sem perder de vista sua identidade específica que estão voltadas à geração de melhores condições de trabalho ou de consumo dos atores sociais envolvidos, ao aumento de sua renda e à ampliação do auto-desenvolvimento de seus membros (GEHLEN e MOCELIN, 2009). Preocupado com esta situação o governo cria a Revitalização de Cooperativa de Produção Agropecuária, o RECOOP, que visa estimular o investimento em infra-estrutura das cooperativas e alongamento do endividamento e recurso para capital de giro. Segundo o Banco Regional de Desenvolvimento, o BRDE (2004) foram destinados R\$ 2,1 bilhões, porém foram acessados somente 37,9% deste recurso. Esta realidade estava na dificuldade dos bancos trabalharem com este tipo de crédito outro problema foi quanto ao destino destes recursos em sua maioria foi para pagar dívidas e não houve investimento nestas cooperativas. Embora este processo não tenha apresentado grandes resultados, mostra o interesse do estado em manter as cooperativas como agentes de desenvolvimento da agropecuária brasileira.

No caso das cooperativas ligadas a cadeia produtiva do leite Bitencourt *et al.* (2000) apresentam dados do Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento (MAPA) no ano de 1999 contabilizando 71.561 produtores que entregam leite sob a fiscalização estadual ou

federal, estes números excluem aqueles que entregam leite sob a inspeção municipal e de forma informal, este autor ainda afirma que no estado são mais de 700 mil pessoas envolvidas diretamente com a atividade o que equivale a 7,5% da população do estado.

No estado existiu um sistema cooperativo forte e com tradição na coleta de leite e industrialização, um exemplo foi a Cooperativa Central Gaúcha de Leite (CCGL), fundada em 1976, reunindo 21 cooperativas, atuou por mais de 20 anos e de forma singular contribuiu para o desenvolvimento da cadeia produtiva do leite. Vendida em 1996 para a Avipal/Elegê (hoje *Brasil Foods* - BRF) formando uma estrutura não cooperativa, esta empresa domina hoje mais de 53% do mercado gaúcho de leite sob inspeção federal, e as cooperativas acabam coletando o leite e entregando a este tipo de empresa, no Rio Grande do Sul hoje 90% do leite é coletado por cooperativas e associações e apenas 20% é processado por elas (BITENCOURT *et al*, 2000).

Uma das causas desta situação está relacionada à origem das cooperativas, que em sua maioria tratava-se de cooperativas empresariais processadoras de grãos alicerçadas numa política de estado para difusão de tecnologia no campo em uma nova ordem de desenvolvimento que propagava pelo país na década de 1950 e 1960, mas quando o governo decide cortar recursos como crédito subsidiado, garantia de preços, recursos destinados à pesquisa e extensão rural os agricultores familiares ficam numa situação delicada.

As cooperativas tritícolas buscaram no leite uma alternativa para complementar à renda e diversificação da propriedade (leite e grãos) onde o leite é uma receita para pagar as despesas mais imediatas (supermercado, farmácia, combustível, manutenção da propriedade, etc.). Os grãos têm suas receitas e despesas em períodos específicos do ano enquanto o leite representa uma fonte de renda durante o ano todo e representa também despesas com insumos todo este período. Manter estes agricultores atrelados à cooperativa consumindo seus serviços e produtos é algo bastante atrativo para as cooperativas, e aqueles que produzem grãos ficam com a incumbência de entregar sua produção à empresa.

No Rio Grande do Sul ainda temos exemplos de cooperativas que atuam de forma independente e que representam todos os setores da cadeia produtiva como COAPEL, COSUEL, SANTA CLARA e COSULATI, estas empresas representam uma pequena fatia de mercado. Estas cooperativas foram buscar ações de cooperação para manutenção do agricultor familiar na atividade através de financiamentos facilitados e captação de recursos em fontes alternativas, foram além das fronteiras locais buscarem recursos e através de estratégias de mercado conseguiram atingir o mercado de commodities e mercados específicos possuindo volume de produção e investindo em novas formas de apresentação de seus produtos.

Em Hulha Negra o cooperativismo começou através de assentamentos de imigrantes vindos de outras regiões do Brasil e da Europa dando origem a formação da primeira cooperativa na região.

A primeira cooperativa agropecuária foi a CAMAL. A CAMAL⁴ foi fundada em 1959 por colonos europeus, com a finalidade de congregar os produtores familiares da região de Bagé/RS e municípios vizinhos, com o objetivo de realizar a comercialização dos seus produtos. Na época a fundação desta cooperativa provocou grandes modificações sociais e econômicas repercutindo nos sistemas de produção e promovendo ideias, visando reduzir o sofrimento da classe trabalhadora, através de iniciativas pioneiras como o trabalho coletivo e com recursos próprios dos trabalhadores, além do que estes colonos europeus recém chegados aqui encontram um mar de adversidades e muita hostilidade por parte dos estancieiros criadores de gado. Desta forma o cooperativismo e associativismo foram os meios de união destes colonos para o desenvolvimento de suas atividades, pois estes já tinham alguns conhecimentos de cooperativismo que havia surgido na Europa por volta do século XVIII. Segundo Schneider (1999, p. 33):

Todas as iniciativas de cooperação existentes antes do século XIX caracterizavam-se por uma cooperação informal e assistemática, como as formas de ajuda mútua existentes entre população rural de vários países [...]. A cooperação mais sistemática, que se daria dentro de certos parâmetros axiológicos e metodológicos, com a pretensão de instaurar um novo sistema econômico e social fundado na cooperação, teria lugar apenas a partir da segunda metade do século XVIII.

Na década de 1960 com a chegada de uma nova leva de imigrantes europeus o cooperativismo ligado a atividade leiteira e a agricultura familiar começam a se tornar uma realidade por vários motivos: 1) Aproveitamento da mão de obra familiar: já que as famílias possuíam um grande número de integrantes, e este ramo da agropecuária apresentava uma necessidade diária de manejo e envolvimento destas pessoas com a atividade. 2) Aproveitamento das máquinas: Estes colonos foram os introdutores da mecanização agrícola na localidade com a importação de tratores e seus implementos para a plantação de trigo; com o fim da atividade houve um aproveitamento destes equipamentos. 3) Estrutura agrária e Costumes: estes imigrantes agricultores produtores de grãos não dominavam a técnica da criação de gado nem o domínio do cavalo para conduzir estes animais (uso do cavalo e boi somente para tração) e nos padrões da época a criação de gado embora uma potencialidade da

⁴ Até 1959 a CAMAL era uma associação sem bases legais que depositava o trigo em armazéns do governo na cidade de Bagé, esta servia para troca de serviços, transporte entre outros fatores.

região, demandava grandes áreas o que estes imigrantes não possuíam. 4) Políticas públicas: o governo estadual da época (1970) importava vacas do Uruguai e distribuía para estes agricultores além de colocar os serviços públicos da secretaria da agricultura a disposição destes produtores incentivando assim o exercício da atividade, isto gerou um aumento na produção dos associados, que levou a CAMAL aumentar sua planta industrial e abertura de novas áreas para a produção de leite, porém na década seguinte, com o corte destes incentivos ficaram os problemas ambientais devido a exploração irracional da atividade, e a CAMAL com linhas de produção ociosa 5) Potencial Geográfico: Hulha Negra localiza-se no ecossistema do Pampa com a geomorfologia pertencente aos agrossistemas de terras negras da Campanha esta é uma região de transição nas formas de relevo onde predominam coxilhas tubulares de relevo ondulado coberto por campos naturais. Com clima como identificado como Temperada Úmido e Temperado Sub Úmido, podendo ocorrer períodos de seca no verão, e excesso de chuva no inverno e primavera, a temperatura anual média gira em torno de 12,1 e 18°C, ideal para a criação de gado Europeu (*Bos Taurus Taurus*) com precipitação pluvial anual esta em torno de 1300 mm.

A CAMAL possui trajetória semelhante quanto a sua migração para atividade leiteira, também era uma cooperativa voltada para atividade tritícola acompanhando seus associados desde a produção até a comercialização.

Quando, em entrevista com um dos produtores de leite mais antigos ligados a cooperativa (sócio há 41 anos) é questionado sobre o porquê de seu envolvimento com a atividade leiteira, ele responde:

“Naquela época (1960) a situação estava ruim, o trigo não valia nada, então entrar na atividade leiteira era uma necessidade. Com a fundação da CAMAL, entrei para atividade onde cada colono da comunidade tinha que possuir uma “tambo”⁵ para ajudar na formação de uma planta de beneficiamento do leite aqui na região. Hoje, muitos anos depois, a gente se dá conta que existia uma segunda intenção por trás, que era nos manter na cooperativa e pagar um armazém que a cooperativa tinha comprado do governo na crise do trigo.” (Entrevista 1)

⁵ Tambo é o mesmo que leiteria, na região muitos produtores chamam de tambo a estrutura usada para produzir de leite de vaca.

A entrevistada, cuja fala é evidenciada a seguir, está na atividade há 29 anos. Essa produtora de leite tem como resposta ao mesmo questionamento feito ao produtor anterior, a seguinte fala:

“A gente via os vizinhos melhorando de vida, e a cooperativa dava assistência técnica e tinha financiamentos para atividade, era difícil a gente resistir. Você vendo as pessoas mudar de vida, agente quer também. Depois da estrutura montada o que se vai fazer? O jeito é tocar o barco!” (Entrevista 3)

Como se observa, houve uma diferença entre os produtores quanto a seu objetivo na entrada na atividade e a época em que isso ocorreu; os primeiros foram por necessidade e por acreditarem nos diretores da CAMAL que defendiam o leite como único caminho para enfrentar a crise agrícola que o município enfrentava. Até a década de 1980 a atividade leiteira na agricultura familiar apresentava bons resultados, e os demais agricultores vendo estes exemplos de prosperidade na propriedade vizinha acabaram migrando para atividade.

A partir da década de 1990, as mudanças políticas e econômicas ocorridas na agropecuária brasileira tornam a produção de grãos mais atrativa. Com este novo cenário a CAMAL muda seu foco para a produção de grãos e mantém a estrutura ligada ao beneficiamento de leite em segundo plano. Em pesquisa de campo, os produtores quando entrevistados sobre a relação entre cooperados e cooperativa afirmam que esta relação estabeleceu laços para além do campo econômico, pois os princípios cooperativistas e de controle democrático em muitas situações ficaram em segundo plano, além de seus dirigentes estarem em um “grupo” especial, intocável, dentro da organização, desenvolvendo gestões desastrosas; neste sentido o trecho da entrevista de um produtor é relevante quando foi abordada a questão sobre as dificuldades no relacionamento com a cooperativa devido às transformações agroindustriais e de mercado, ele afirma que;

“Claro a que a CAMAL sofreu muito com todas as políticas dos governos que não deram certo. Eu ainda acho que nós associados tínhamos mais a contribuir do que só produzir, e a CAMAL do que comercializar. Investiu-se muito em infra-estrutura baseada numa produção cheia de oscilações, e os nossos representantes não tiveram humildade para seguir outros rumos.” (Entrevista 1).

Estas políticas se deram em torno da abertura comercial brasileira e a desregulamentação do setor lácteo nacional, com a formação do MERCOSUL e a

estabilização econômica após o Plano Real ocorridos ao longo dos anos 1990 (SOUZA e SOUZA, 2008).

Estas medidas implicaram em uma integração dos mercados acirrando a concorrência e um intenso processo de reestruturação das empresas, dos produtores e da distribuição no sentido da concentração, seleção e especialização, houve também uma reordenação dos processos de produção dos elos da cadeia produtiva inclusive no papel que o consumidor passou a exercer sobre os padrões e fluxos destes produtos.

Com esta nova realidade do setor lácteo a cooperativa passou a desempenhar a função de coletar o leite e vendê-lo para as grandes agroindústrias de transformação por um preço único, ou seja, os produtores familiares que são fiéis às cooperativas acabam sendo prejudicados por um jogo de interesses de cooperativas e complexos agroindustriais. Esta situação desfavoreceu principalmente os agricultores familiares de baixa produção, pois com este sistema que bonifica o volume de produção mais que a qualidade acaba cada vez mais distanciando os produtores conforme sua capacidade de adaptação à nova realidade de mercado tornado-se um item de seleção na atividade leiteira. Estes fatos levam a uma tendência de competitividade e eficiência econômica colocando o papel social da atividade em segundo plano, pois muitos de seus sócios ligados à agricultura familiar possuem uma escala reduzida de produção e tem no leite a principal fonte de renda destas famílias, serve como ocupação de mão de obra da família e um a estratégia de sobrevivência para este grupo no meio rural. Os sócios da CAMAL nesta situação apresentada são fornecedor-consumidores, a cooperativa faz o papel de atravessador e a agroindústria beneficia e distribui este leite sem nenhuma responsabilidade sobre estes agricultores.

Desta forma a cooperativa tem interesse de manter o produtor consumidor ligado a si e às grandes indústrias usam este fator para conseguir a produção de leite destes agricultores, hoje estas empresas veem tirando as cooperativas deste intermédio tornando a ligação direta entre produtos e indústria. Esta situação é preocupante por que as cooperativas são organizações que podem gerar empregos, desenvolvimento local e ajudam na geração e distribuição de renda, o que as outras empresas não o fazem com eficiência. Esta situação na cadeia do leite local leva ao acirramento da concorrência e a exclusão de agricultores familiares que não conseguem adaptar-se às mudanças. Estes fatores não representam o fim da agricultura familiar ligada à atividade leiteira, porém exigem uma nova condução e adoção de medidas que representem de fato os interesses dos agricultores e consigam atingir diferentes esferas de mercado.

Todo este contexto está levando o agricultor familiar a perder representatividade frente aos mercados. Onde as grandes empresas negociam os preços individualmente e selecionam através da produtividade e rota de coleta em que este produtor está. Vale destacar que as empresas acabam selecionando aqueles que são úteis a elas segundo seus interesses que são produtividade e possuam um bom aporte tecnológico e de informação capazes de produzir de maneira eficiente sem depender do corpo técnico da empresa. Um produtor quando perguntado sobre a razão pela qual entregava leite à CAMAL, foi sucinto na resposta:

“A *Brasil Foods* (BRF) não quer passar aqui, diz que é muito longe para vir buscar meu leite, e que só tenho eu nesta estrada para coletar.” (Entrevista 5)

Este produtor tem uma produção diária de 85 litros /dia e está a 4,8 km da rota de coleta.

A CAMAL possui hoje 541 associados que entregam leite diariamente resultando numa produção anual 28.009.123 litros por ano numa média de 5.941 litros por produtor por mês, o leite representa 33% do faturamento da cooperativa e os cereais 46% (RELATÓRIO EXERCÍCIO DA CAMAL, 2009, p. 3). No estado a CAMAL se encontra entre as cinco maiores cooperativas no volume de leite coletado, e sexta maior no número de sócios conforme a tabela abaixo.

TABELA 2: Participação da CAMAL no mercado gaúcho com relação à produção coletada pelas cooperativas.

| Área(ha) | Número de produtores | | Produção Mensal (%) |
|-------------|----------------------|-------|---------------------|
| | Nº | % | |
| Cosulati | 3.496 | 31,72 | 18,94 |
| Piá | 2.425 | 21,91 | 15,35 |
| Cosuel | 1.957 | 17,76 | 19,02 |
| Santa Clara | 1.628 | 14,77 | 26,99 |
| Cotrigo | 984 | 8,93 | 9,29 |
| CAMAL | 541 | 4,91 | 10,41 |

Fonte: Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul (2001)

3.2 Agroindústria cooperativa e a cadeia produtiva do leite: sua importância e arranjo organizacional em busca do desenvolvimento local

Segundo Navarro (2001), o Desenvolvimento rural no Brasil apresenta cinco pontos essenciais; a) desenvolvimento agrícola, ligado à produção agrícola; b) desenvolvimento agrário, referente às dimensões sociais e suas relações institucionais; c) desenvolvimento rural, conceito mutável ao longo do tempo que liga os itens acima citados; d) desenvolvimento rural sustentável apresenta a ideia de sustentabilidade elevando o desenvolvimento rural ao plano ambiental, social, cultural, econômico; e) desenvolvimento local, que instiga mudanças, organizações restritas geograficamente com estratégias específicas e remete a descentralização.

Esta afirmativa traz a tona que além do crescimento econômico deve-se conseguir o bem estar social. Desta forma entende-se que as pessoas são agentes capazes de agir e provocar mudanças conforme seus valores e objetivos, pois as mudanças ocorrem no local e cada localidade tem uma forma diferente de manifestação de vida. Para Coelho e Fontes (1998) que reforçam essa ideia ao afirmarem que esse novo enfoque dado ao desenvolvimento contrapõe-se às estratégias de desenvolvimento baseado na grande empresa, devendo ocorrer de baixo pra cima, sugerindo, desta forma, o conceito de desenvolvimento local.

O desenvolvimento local é acima de tudo uma prática política segundo Yanez (1998) este é um processo de desenvolvimento baseado na descentralização e na cooperação solidária, com as prerrogativas da democratização social, participação popular, justiça social, vitalidade econômica acabam afetando o desenvolvimento regional.

Porém com a globalização da economia a sobrevivência da agricultura familiar ligada à cadeia produtiva do leite e dos sistemas cooperativos de pequeno e médio porte encontra-se em dificuldades, neste sentido apresentam-se duas correntes ideológicas. Aquelas que enfocam estas tendências como das mudanças inevitáveis na cadeia agro industrial do leite, onde o destino da produção familiar, com volume reduzido tende a desaparecer, conforme Bressan *apud* Ribeiro (2000) as economias de escala prevalecem na economia mundial e o avanços tecnológicos e produtivos devem afetar negativamente a agricultura familiar afirmando que neste processo com as estratégias adotadas pelas grandes indústrias haverá a exclusão de cerca de 600 mil produtores nos próximos anos no Brasil.

Arruda (1998) aponta alternativas como as economias solidárias causada pelas cooperativas locais provocando um desenvolvimento endógeno com novas formas de

comercialização e organização entre os produtores. Desta forma uma das alternativas para evitar este processo de exclusão é a transformação na relação entre agricultor e indústria através do associativismo buscando atender as exigências de qualidade, melhorar a quantidade de produto oferecido e oportunizar a permanência deste produtor na atividade. As cooperativas locais tem sido importante para evitar o processo de exclusão deste número significativo de agricultores conforme as previsões dos autores.

Na cadeia produtiva do leite o cooperativismo assume papel fundamental como promotor ao desenvolvimento rural, pois possibilita ao agricultor se inserir no mercado de forma competitiva, servindo de intermediário entre o capital e o produtor, amortecendo os riscos e distribuindo melhor a renda (RIBEIRO, 2000).

A CAMAL veem ao longo dos anos grandes dificuldades de sobrevivência. Na década de 1990, quando um novo cenário de globalização e liberalização comercial causou profundas mudanças institucionais e com a expansão das multinacionais desafiou a cooperativa a se adequarem a um contexto altamente competitivo, para a qual não estava preparada, principalmente quanto à estrutura organizacional administrativa. A falta de agilidade nos processos decisórios e pouca capacidade financeira acabaram restringindo sua competitividade e manutenção de seus produtos no mercado.

Hoje o sistema agroindustrial cooperativo procura amenizar esta situação com alianças estratégicas, administração corporativa, centralização da estrutura, fidelização do cooperado e alinhamento entre estratégia e estrutura. Porém quando a estratégia é industrializar, criar uma marca própria de produto e competir com outras empresas, a situação tem se mostrado mais problemática (GALAN e JANK,1999). No caso da CAMAL, além das dificuldades de sobrevivência em virtude da agilidade nos processos decisórios e pouca capacidade financeira, este fator se agrava quando existe tensão entre as forças políticas que influenciam as decisões da cooperativa.

Outro fato são as cooperativas que ampliam sua capacidade tecnológica e gerencial, começam a explorar outros horizontes nos chamados “nichos de mercado”⁶ com produtos de alto valor agregado e produtos funcionais. Trata-se de um mercado com amplo domínio das multinacionais, pois esta inovação depende de investimentos relevantes, esse dispêndio de

⁶ Nichos de mercado são segmentos ou públicos cujas necessidades particulares são pouco exploradas ou inexistentes. A estratégia de aproveitamento de nichos está justamente na identificação das bases de segmentação que, quando explorados, representam o diferencial ou vantagem competitiva à pequenas e médias empresas. O surgimento de mercados de nichos oferece novas oportunidades de inserção da agricultura familiar (BEROLDT et al., 2009)

recursos está relacionado tanto à realização de experimentos ou estudos de caráter nutricional, capazes de garantir o reconhecimento de sua funcionalidade nos órgãos de regulação, bem como na consolidação de ações de comunicação visando a esclarecer e a educar o consumidor das vantagens decorrentes do consumo desses novos produtos (RÉVILLION, 2009).

Para competir com as grandes empresas, é necessário construir formas de transição de mercados locais que operam com base em redes de proximidade para mercados mais amplos, regionais e nacionais, articulando redes sociais mais extensas e formas de reconhecimento dos produtos que extrapolem o âmbito local. (NIEDERLE e SCHUBERT, 2009).

A CAMAL apresentou dificuldades em acompanhar esta tendência, não conseguiu ir além das cidades vizinhas de Bagé e também não se articulou com outras redes sociais ou cooperativas que teriam o mesmo interesse, quando a decisão veio dos dirigentes a idéia era terceirizar, alugar ou vender sua marca ou estrutura. Um dos representantes da CAMAL, quando questionado sobre alianças da cooperativa afirma que:

“Temos parceria com a COSULATI, onde nós coletamos o leite e repassamos para ela, alugamos nossa marca e em contrapartida ela processa nosso leite, comercializa, e nos remunera. Isto ocorreu através de estudos que constataram nossa restrição de capital e capacidade organizacional principalmente para montar uma torre de secagem de leite”. (Entrevista 7)

Com estas restrições a cooperativa não conseguiu fazer uma conexão dos mercados locais que operam com base em redes de proximidade com mercados mais amplos, regionais e nacionais, articulando redes sociais mais extensas e formas de reconhecimento dos produtos que extrapolem o âmbito local, enfim a cooperativa encontrou dificuldades em transformar os recursos disponíveis de instituições públicas e privadas no atendimento das necessidades locais. Muitas de suas experiências foram inseridas diretamente nas propriedades, sem uma adaptação prévia destas experiências a realidade atividade leiteira e da agricultura familiar de Hulha Negra.

3.3 Agricultura familiar e a atividade leiteira em Hulha Negra nos últimos 50 anos

A agricultura familiar não é uma categoria social recente nem a ela corresponde uma categoria analítica nova na sociologia rural, no entanto, sua utilização, com o significado e a

abrangência, que lhe tem sido atribuídos nos últimos anos, no Brasil, assume ares de novidade e renovação. Fala-se de uma agricultura familiar como um novo personagem, diferente do camponês tradicional, que teria assumido sua condição de produtor moderno; propõem-se políticas para estimulá-los, fundadas em tipologias que se baseiam em sua viabilidade econômica e social diferenciada (WANDERLEY, 1995).

Para Souza e Waquil (2008), a viabilidade e rentabilidade da agricultura familiar na cadeia do leite esta diretamente ligada às características próprias que esta atividade apresenta como a estratégia de reduzir riscos por meio da diversificação, potencializar a produtividade da mão de obra familiar por meio da tecnificação e incorporação de insumos industriais e buscar segmentos de mercado de alto valor agregado, ou seja, você adequar à tecnologia disponibilizada à realidade local respeitando a situação de cada caso ou propriedade.

Seguindo o que afirma os autores, o avanço tecnológico é imprescindível para a agricultura familiar ligada a atividade leiteira, mas a aplicação desta tecnologia deve ser estudada caso a caso. Em Hulha Negra a agricultura familiar nestas últimas décadas ficou refém de uma política de visão produtivista (que prevê uma concentração e especialização da produção, fazendo com que não haja espaço para muitos agricultores dentro do sistema; alto aporte de insumos externos, gerando instabilidade e altos custos de produção; intensificação dos meios de produção gerando impactos ambientais incapazes de serem absorvidos), ideais desenvolvimentistas que defendiam uma ampla “inclusão” dos agricultores familiares, tendo como discurso a defesa de um sistema de produção equilibrado, diversificado e sustentável, porém nos dias atuais percebe-se que estes agricultores se encontram em processo de exclusão da cadeia produtiva do leite.

A CAMAL acompanhou esta tendência, e nos últimos anos vem seguindo a política de estimular o volume de produção. Do ponto de vista do produtor isto levará a exclusão da agricultura familiar de pequena produção. As consequências deste processo podem levar este produtor de leite a inserir-se no mercado informal ou reunirem-se em organizações coletivas de produtores possibilitado o acesso ao tanque de expansão⁷ de maneira coletiva, principalmente aquelas distantes das rotas de coleta evitando a argumentação da cooperativa de um caminhão andar grandes distâncias para coletar uma pequena quantidade de leite. Enfim, o impacto sócio-econômico resultante desta exclusão pode ter efeitos devastadores

⁷ Local onde é colocado o leite para ser resfriado para posterior coleta. Estes tanques possuem diferentes dimensões porém todos são de Inox. Neste caso é usado para um determinado número de produtores depositar seu produto facilitando a coleta do caminhão e reduzindo os custos de administração deste equipamento.

sobre os produtores de leite ligados a agricultura familiar e índices socioeconômicos do município.

Mas como os agricultores que produzem pequenas quantidades de leite (até 100 litros) são grande maioria e tem um montante expressivo no volume captado pela cooperativa, esta acaba fazendo a captação deste leite. Sobre esta afirmação os produtores de leite entrevistados enfatizam sua importância devido ao número de produtores, todavia questionam as formas de organização em seu entorno:

“Nossa produção individual é pouca, porém no conjunto somos muitos; é 50 litros de um 50 litros de outro e o montante da cooperativa acaba se elevando, nestes últimos anos a CAMAL se distanciou um pouco de nós. Acho que devíamos ter uma associação local para encurtar este caminho até a direção da cooperativa tendo uma maior participação em suas atitudes”(Entrevista 2)

Isso mostra que estes produtores têm consciência da sua importância junto à cooperativa, mas falta organização dos próprios cooperados para atuar dentro e fora do sistema cooperativo.

Porém os gestores da cooperativa quando questionados sobre a importância da agricultura familiar para as atividades da cooperativa, apresentam pontos de vista diferente:

“Claro que a agricultura familiar é importante para a CAMAL, são maioria de nossos associados, aliás, nossa fundação se deu em torno da agricultura familiar. Nestes últimos anos com a redução de custos da cooperativa, esta foi a parte dos associados que mais sofreu, tu vê um veículo andar grandes distâncias para coletar o leite ou entregar a ração, dependendo da quantidade de ração nem compensa o frete, por isso eles tem que compreender a nossa situação aumentando sua produção, ou se unindo a outro produtor na hora de pedir seus insumos, infelizmente a situação é essa.” (Entrevista 6,)

“A importância da agricultura familiar vai até certo limite, pois esta é mais carente de atenção e assistência o que elevando nossos custos. Encarece a coleta de leite, controle de qualidade, a organização do setor e dificulta uma padronização da atividade. Nós temos agricultores familiares extremamente competitivos que acabam sendo prejudicados economicamente por esta falta de especialização da agricultura familiar em geral. [...] Acredito que haverá uma seleção natural destes agricultores familiares com o passar do tempo.” (Entrevista 7)

A agricultura familiar do município ligada ao setor está conseguindo sobreviver a este sistema por dois aspectos, a não-remuneração da mão de obra empregada na atividade, o que diminui consideravelmente o custo de produção, e as características ambientais como solo, campo nativo, clima entre outros. Pensando desta forma, os produtores que empregam mão de obra assalariada e aplicação de insumos modernos em larga escala apresentam maior risco de abandonar a atividade, porém estes recebem capacitação e assistência dos complexos agroindustriais devido à quantidade produzida. Com um grande volume produzido estes produtores possuem vantagens na aquisição de insumos, máquinas entre outros, pois a cooperativa trata caso a caso e fica com medo de perder este associado à BRF e acaba cedendo muitas vezes. A assistência técnica, por exemplo, é um preço único para todos, a cooperativa arca com uma parte e o produtor com a outra estes valores se tornam pesados conforme a condição financeira de cada produtor.

A matéria prima da agricultura familiar local pode ser produzida a baixos custos aproveitando-se potencialidades geográficas locais. Existe uma regularidade no fornecimento e procura pela matéria prima que exigem a necessidade de inovações técnicas e organizacionais, assim o cooperativismo vê-se novamente diante de uma grande oportunidade para competir no mercado de leite com papel fundamental na melhoria da produção, e até certo ponto na barganha por melhores preços.

3.4 A cooperativa CAMAL: limitações técnicas e organizacionais na relação entre a cooperativa e seus cooperados

Com a chegada de imigrantes europeus em 1920 começa uma nova transição agrícola. Neste período com a chegada destes imigrantes principalmente descendentes de alemães que compram uma estância e dividiram em lotes iguais para as famílias, isto ocorreu mais precisamente na localidade denominada de “Trigolândia”, dentro do município hoje conhecido como Hulha Negra, e no distrito de Colônia Nova, em 1950, hoje pertencente à Aceguá. Ambas as localidades antes eram pertencentes à Bagé⁸, cujos descendentes vivem

⁸ Hulha Negra e Aceguá se emanciparam de Bagé em 1992 conforme o projeto de lei 330/91 assinado pelo governo do Estado do Rio Grande do Sul Alceu de Deus Collares. Neste mesmo processo foi emancipado o município de Candiota, assim Bagé perdeu exatamente 50% de seu território. Disponível em: <www.hulhanegra.rs.gov.br>, acesso em dia de mês de 2011.

hoje em pequenas e médias propriedades rurais, representando cerca de 20% da população local (OTT, 2009).

Em 1957 com condições climáticas adversas, e as políticas de estado relacionadas à pesquisa, subsídios, financiamentos, foram abandonando o apoio à cultura do trigo, o que fez com que cerca de 50% das famílias abandonassem a plantação do cereal e fossem para outros estados, principalmente Paraná, no Centro Oeste, com intuito de abrir novas fronteiras agrícolas. Os remanescentes foram aqueles que estavam endividados, possuíam terras próprias com infra-estrutura e financiamento junto à rede de bancos, e foram impossibilitados de migrar para outras regiões; com esta situação, o núcleo colonial foi reunido na busca de uma solução para estas famílias. Estes colonos que aqui ficaram deram origem ao grupo fundador da CAMAL, que em 1959 em assembleia geral foi instituída a Cooperativa Agrícola Mista Aceguá - CAMAL, com 121 fundadores e um capital de CR\$ 2.756. 000,00, formando se assim a primeira cooperativa da região da Campanha (OTT, 2009).

Mesmo com a formação da cooperativa estes produtores acabam abandonando a produção de trigo, subentende-se nesta afirmativa que a produção de leite foi instituída para ser uma alternativa de renda a estes colonos a fim de que eles continuassem na produção de grãos, mas o que era para ser uma alternativa tornou a principal atividade agropecuária nos estabelecimentos rurais do município por muitos anos.

Em 1960 a CAMAL adquiriu um imóvel de 10. 000 m² para abrigar a indústria de laticínios com instalações adequadas conforme projeto apresentado pela ASCAR (Associação Sulina de Crédito e Assistência Social), na formação desta indústria os agricultores familiares produtores de leite ficaram incumbidos de aumentar sua produção para atender a nova demanda. A capacidade desta planta era de 12 000 litros por dia e a produção das famílias era de 700 litros/dia, conforme histórico do dia 01/11/1960, quando a cooperativa passou a receber o leite de seus associados, ou seja, este projeto foi financiado pelo governo numa capacidade muito além da realidade dos produtores.

Através de dados coletados em trabalho de campo, os produtores mais antigos afirmam que eram induzidos a produzirem leite, abandonando outras atividades e dedicando-se exclusivamente a esta atividade com extremas dificuldades e em condições precárias; Eles alegam que a cooperativa cuidou primeiro de sua infra-estrutura para depois cuidar de seus associados. Sobre esta afirmativa um entrevistado tem uma fala interessante sobre as transformações nesta relação (cooperativa- cooperado) ao longo dos anos;

“Acredito que a principal transformação que ocorreu nesta relação foi logo de saída, não tínhamos nada e em poucos anos a cooperativa tinha uma enorme estrutura demandando cada vez mais produto (leite). Pra você ter uma ideia nós ainda estávamos tirando leite de vacas “mestiças⁹” e a capacidade da CAMAL tinha sido ampliada para uma produção de 100 000 litros por dia. Daí foi o “ponta pé” inicial e que balizou toda esta relação até os dias atuais sempre buscando tecnologia e estrutura, que talvez fosse além de nossa necessidades”. (Entrevista 1)

Na década de 1970 a capacidade da indústria foi ampliada para 100 mil litros de leite por dia, a produtividade já andava na casa dos 70 000 (mil) litros por dia. No fim da década de 1970, a cooperativa fundou supermercados, conseguiu vencer o problema da oscilação da produção durante as diferentes épocas do ano com um convenio com a Alemanha que mandou dois técnicos especializados na produção e armazenagem de forragem além de conseguir registro no SIF (Serviço de Inspeção Federal) (OTT, 2009).

Neste período os produtores conseguiram recursos junto ao Programa de Desenvolvimento da Pecuária Leiteira - PDPL, do governo federal implantado pelo sistema de extensão rural para a implantação de pastagens, infra-estrutura e importação de gado holandês Puro de Origem (PO) do Uruguai, com juros de 7% ano com alta taxa de subsídio isto acarretou no aumento da chegando perto da capacidade de processamento de 100 mil litros/dia. O efeito positivo desta medida foi em relação à elevação da produtividade de leite que em curto prazo melhorou as condições econômicas destas famílias, porém em longo prazo o aumento deste volume sem bases sustentáveis acabou gerando problemas: a) Problemas ambientais; Com esta nova realidade foi necessária à abertura de novas áreas agrícolas para a implantação de pastagens gerando erosões, surgimento de invasoras com a comercialização de sementes contaminadas ou introdução de espécies exóticas, estes problemas podem ser percebidos até hoje. b) Preço; Lei da oferta e da procura, com o aumento da produtividade o preço do litro de leite despenca a uma taxa negativa de 5,50% ao ano e o consumo cresceu pouco mais de 2,45% ao ano segundo a CAMAL (2010). c) Problemas sanitários; Vacas de alta produção sem prévia adaptação ou manejo adequado por parte dos produtores acabam gerando altos custos veterinários.

O crescimento da produção de leite na região nesse período foi atribuído tanto ao aumento do número de vacas ordenhadas quanto ao acréscimo da produtividade.

⁹ Mestiças são vacas que não possuem raça definida, neste caso eram vacas com aptidão para corte cruzadas com animais de aptidão para leite, gerando animal de duplo fim sem uma produção expressiva de leite.

Possibilitando a CAMAL inaugurar a fábrica de ração, supermercado que fornecem gêneros alimentícios e insumos para os produtores descontando na produção de leite todas estas medidas acabam alavancando a bovinocultura de leite da região (OTT, 2009).

O resultado disto foi uma expansão no número de sócios, além de promover novos assentamentos de produtores. Em 1978 formaram a colônia Nova Esperança com colonos vindos da região de Nonoai (RS) sendo 125 famílias em lotes de 22 há cada um. Receberam essas terras para produzir leite, porém sem estrutura e experiência na atividade esta atitude acabou sendo ruim para as pretensões da cooperativa. Nos anos seguintes através de financiamentos fundiários foi comprada uma fazenda de 4050 há para dividir entre 80 jovens de famílias ligada à cooperativa, com a experiência do assentamento anterior esta obteve mais sucesso. Este projeto fundiário da cooperativa apresentou alguns problemas como o despreparo dos próprios associados, que na medida em que obtinham incentivos e subsídio através da cooperativa, após sua estabilização acabam abandonando o sistema cooperativo nesta falta de sinergia entre cooperado e cooperativa resulta na situação deficitária da cooperativa que não consegue atuar junto a este agricultor (OTT, 2009).

Segundo Ott (2009) a escalada da inflação, recessão e desastrosos planos econômicos do governo influenciaram diretamente no desenvolvimento da CAMAL. Com um crescimento espetacular nos anos anteriores à cooperativa tomou empréstimo e elevou sua capacidade além da necessidade com perspectiva de se consolidar e continuar sua modernização fato que não se consolidou com a nova conjuntura econômica e política do país Neste momento a CAMAL começa a mudar sua trajetória e passa a dar atenção especial à produção de grãos que apresentavam maior liquidez e volume de negociação, a infra-estrutura que a cooperativa havia adquirido em anos anteriores como prédios, automóveis, terrenos, supermercados, lojas de ferragem, de construção, entre outros, agora passam a ser um problema. Neste período segundo alguns associados a cooperativa torna-se vulnerável ao montar uma nova usina de beneficiamento de leite em Bagé contraindo uma dívida de R\$ 226 000,00 (OTT, 2009)).

As transformações ocorridas na cadeia dos lácteos na década de 1990 causaram um grande impacto nas atividades da CAMAL que acabou formando uma aliança estratégica com seu concorrente tradicional para escoar sua produção, pode-se destacar alguns pontos principais nesta estratégia. O primeiro é que a cooperativa estava descapitalizada sem recursos para investir na produção de leite longa vida (UHT) e secagem de leite, os dirigentes da cooperativa em entrevista quando perguntado sobre as estratégias da CAMAL no setor de lácteos em relação dos produtores eles responderam que:

“Com relação aos produtores, acredito que esta aliança com a COSULATI foi em prol deles, embora algumas coisas tenham mudado na relação com a cooperativa e muitos tenham saído da nossa coleta, mesmo assim, garantimos que muitos outros continuassem na atividade.”(Entrevista 6)

“Nós íamos a um determinado supermercado vender nosso produto, quando estávamos chegando ou saindo encontrávamos o representante da COSULATI vendo o mesmo produto e com o mesmo apelo de ser uma cooperativa. Agora não a venda aos varejistas é somente com eles. No momento foi a melhor estratégia, por que não se tinha condição de investir e nem produção capaz para concorrer com outras empresas.” (Entrevista 7)

Nestas declarações fica claro que foi uma opção estratégica externa da empresa para sobreviver num mercado altamente competitivo pela entrada de produtos importados e a liderança do setor pelas multinacionais. Com esta medida a CAMAL apresenta dificuldades em relação à sua função socioeconômica como mostra a tabela a seguir, onde seus preços do leite estão atrelados ao da COSULATI.

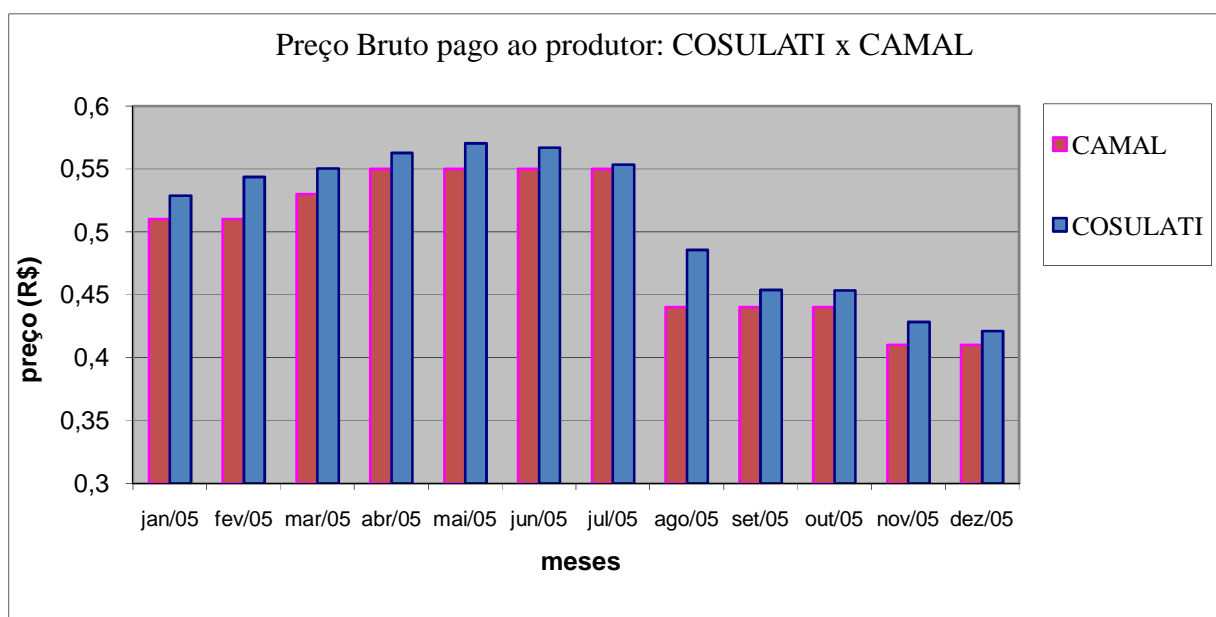


FIGURA 2: Comparativo entre o preço pago pela CAMAL e pela COSULATI pelo litro de leite em Hulha Negra de Janeiro de 2005 a Dezembro de 2005

Fonte: OTT (2009)

Outro ponto é a perda de representatividade dos produtores frente aos mercados, já que eles perdem seu poder de negociação, pois não podem exigir preços da CAMAL se esta possui seus preços submetidos aos da COSULATI; a principal consequência desta atitude foi

quanto à fidelidade dos produtores, não existindo mais o processo de vinculação integral da família à cooperativa, criando um vai vem dos produtores conforme o preço.

As famílias que produzem grãos e leite, por exemplo, entregam o leite a uma empresa concorrente e os grãos a CAMAL ou vice versa. As cooperativas, nessa modalidade, aproximam-se das associações rurais organizadas por atividades profissionais, porém possuem um regime jurídico que permite avanços na relação com o mercado, o que as torna mais atrativas (GEHLEN e MOCELIN, 2009).

Ter que trabalhar com produtores não especializados com baixa produtividade e qualidade certamente restringe a sua capacidade de competir onde os agricultores familiares representam 90% dos associados e possuem uma produção média de 60 litros ao dia, os 10 % restante (médios e grandes produtores) representam 58% da produção da cooperativa. Esses 10% seriam do interesse de qualquer empresa, devido à produtividade, mas, o que fazer com os outros 90% de associados? Neste sentido é possível analisar o depoimento dos gestores da cooperativa quando questionados sobre os gargalos da produção local:

“A falta de apoio político pegou nossos produtores descapitalizados e os pequenos pior ainda. Estes estão numa situação muito difícil e a cooperativa paga um preço muito alto com estes produtores seja pela qualidade ou pela produtividade, isso é uma “bola” de neve ele não consegue ter uma produção boa, passa seu produto à CAMAL, que repassa para a COSULATI, que paga um preço único para nós pelo leite, e dessa forma acaba afetando todos os outros. Precisamos de assistência e capital para eles deixar de serem tiradores de leite e passar a produtores de leite [...]” (Entrevista 7).

“Produtores com baixa produtividade acabam reduzindo nossa capacidade de concorrência o que dificulta a manutenção dos produtores médios e grandes junto à cooperativa, pois a cada um grande produtor que esta na CAMAL permite que possamos manter muitos outros pequenos. Esta é uma situação difícil de equilibrar”. (Entrevista 6)

As transformações de mercado ocorridas na década de 1990 no setor lácteo afetaram diretamente a cooperativa, porém o que mais pesou nestas condições foi a questão da gestão da cooperativa, que é pouco profissionalizada e que tentou resolver os problemas vividos pelos produtores rurais de forma individual. Ocorreu um desvio de foco com a tentativa de atuação em outros setores como supermercados, posto de combustíveis entre outros, esta diversificação diminuiu a eficiência da empresa, pois os recursos eram escassos e tinham que ser divididos em áreas que possuíam pouca sinergia com a função agropecuária, além de que

os profissionais ligados a CAMAL não estavam preparados para atuar neste ramo de mercado. Alguns produtores apontam que a situação se complicou com dirigentes agindo como líderes políticos locais, com a prática paternalista se elevando à custa da cooperativa.

Outro fator relevante que estas transformações originaram foi o produtor entender sua função junto a CAMAL, pois na hora de entregar o leite é fornecedor, na compra de insumos é consumidor, e na reunião anual de aprovação financeira é acionista, e quer participar na divisão dos lucros, se não existem lucros, ocorre um desestímulo por parte dos produtores. Muitos associados não conseguiram assimilar esta situação e com a cooperativa sem pagar um preço igual a outras agroindústrias que haviam chegado à região, alguns associados bem sucedidos acabaram por comprar as áreas de outros que não tiveram tanta sorte, tornando-se assim proprietários maiores, e conseqüentemente, não vendo mais vantagens em fazer parte da cooperativa, o que desestimula os outros cooperados que observavam estes produtores acumularem riqueza “fora” da cooperativa e estes achavam que saindo da cooperativa teriam o mesmo destino e passaram a negociar diretamente com as grandes agroindústrias já que em sua ideologia é melhor esta ligado a BRF do que a CAMAL, uma ideia de “*status*”. Como podemos ver na tabela abaixo, o menor percentual de abandono ocorreu entre os sócios que possuem até 50 ha (21,2%) e aqueles que possuem mais de 1000 ha a taxa chegou a 84%.

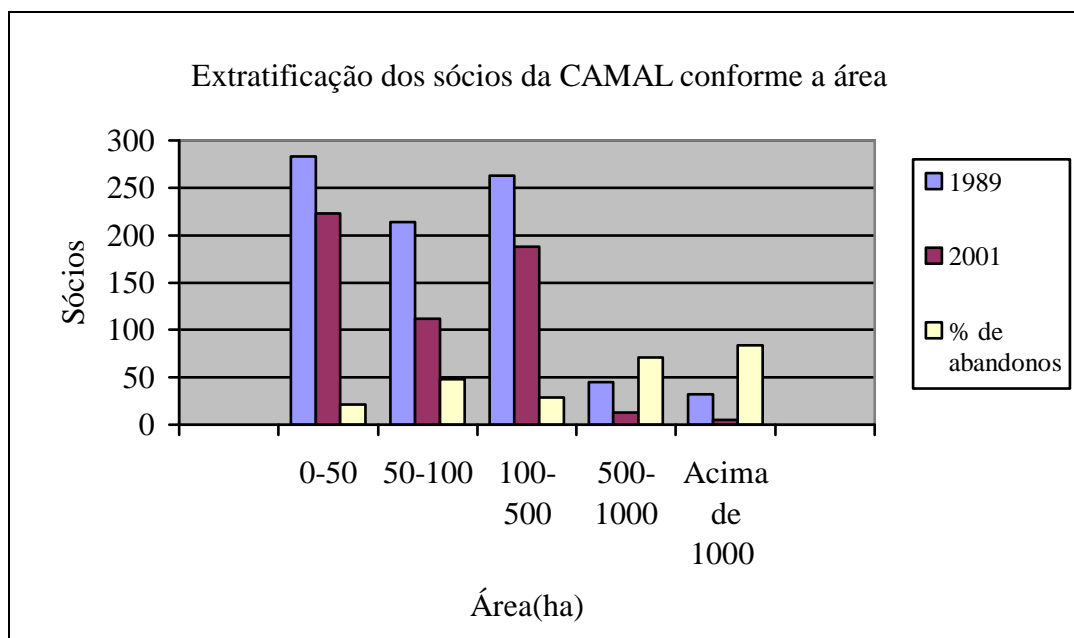


Figura 3: Estratificação dos sócios da CAMAL conforme a área

Fonte: RELATÓRIO EXERCÍCIO (2009)

Segundo o funcionário da CAMAL entrevistado a explicação deste fato é que:

“Os pequenos não têm para onde correr, se não produzir o leite, o que eles vão produzir numa área pequena? Do ponto de vista econômico,

longe dos grandes centros, ao contrario dos grandes que podem arrendar suas terras, produzir outras coisas, ou podem aumentar sua produção e acabar vendendo para outras empresas, os pequenos não podem ” (Entrevista 6)

Por sua vez a cooperativa percebendo este movimento, abandona a parte social e passa se preocupar com seu desenvolvimento econômico, ou pelo menos com a manutenção de seu patrimônio, e torna-se uma prestadora de serviço.

Com estes fatos pretende-se analisar as contribuições socioeconômicas e técnico-produtivas relacionadas à atividade leiteira praticada por produtores familiares do município de Hulha Negra, decorrentes da construção da CAMAL no município.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste capítulo analisam-se as definições apresentadas na revisão bibliográfica cruzando com os dados levantados em entrevistas junto aos produtores de leite e gestores da cooperativa. Serão discutidos e comparados os registros da literatura acessada com a situação encontrada na cooperativa e nas propriedades, para comprovar a importância de cada um dos fatores no processo de desenvolvimento local, os fatores serão socioeconômico e técnico produtivos.

4.1 As contribuições socioeconômicas

Os colonos europeus trouxeram para o nosso país e estado, respectivamente, costumes singulares como a dança, culinária e sua forma de trabalho. Através destes descendentes e de seu espírito empreendedor que nasceu em 1959, a CAMAL que acabou mudando o panorama do Pampa com a inserção de novas atividades agrícolas e uma nova realidade fundiária. No início houve uma reação negativa dos latifundiários locais com estes colonos chegados na região e isto gerou conflitos ideológicos, pois estes estancieiros enxergavam estes colonos como uma ameaça para seus latifúndios. Foi uma mudança radical de uma pecuária extensiva e patronal a produção intensiva de grãos e leite com aplicação da mão de obra familiar.

A pecuária leiteira até este período era de subsistência nas estâncias locais, produziam leite a partir de animais com aptidão para corte, porém estes imigrantes além do leite para subsistência produziam derivados em suas propriedades empregando a mão de obra familiar, com uma produção em escala reduzida esbarravam em problemas de mercado, pois o único mercado potencial era Bagé, os precários meios de transporte avariavam os produtos até este mercado. Neste período fica clara a importância social da CAMAL para esta localidade até então distrito de Bagé, em torno do cooperativismo foi possível manter estas famílias na busca de um objetivo único.

A CAMAL transformou a situação da agricultura familiar local através da produção economicamente viável da atividade leiteira aproveitando as condições geográficas (qualidade de solos e topografia) e serviu como um elo entre o poder público e os produtores na adoção de novas tecnologias.

Mesmo enfrentando muitas limitações como visto até agora, o cooperativismo tem contribuído para evitar o processo de exclusão de agricultores familiares produtores de leite, mesmo diante das dificuldades existe um reconhecimento de sua importância por parte de seus associados como se percebe em alguns trechos das falas abaixo, pronunciada por agricultores entrevistados quando questionados por que não entregam o leite diretamente à agroindústria.

“A parte de cooperação e solidariedade é uma virtude da CAMAL [...], temos, por exemplo, a criação do novo assentamento que tem, fornecimento de sementes, transportes, maquinário, venda de grãos ou troca.”(Entrevista 1).

“esta cooperativa bem ou mal sempre nos ajudou no período de crise econômica do país, o leite garantia pelo menos as despesas da casa.”(Entrevista 2)

“[...] não é toda a comunidade que tem uma cooperativa que coloque seu produto no mercado, se não fosse a CAMAL a situação seria bem pior, talvez não tivéssemos o grau de desenvolvimento de hoje.”(Entrevista 5)

Percebe-se a importância da CAMAL ressaltada pelos cooperados e as suas contribuições sócio econômicas foram destacadas até o momento em que o Estado disponibilizou recurso ao sistema cooperativo no intuito de modernizar a agricultura brasileira. Prosseguindo a entrevista quando se aborda sobre as principais transformações ocorridas no sistema cooperativo e no relacionamento entre cooperados e cooperativa nos últimos anos alguns trechos das falas abaixo são reveladores:

“Quando o governo diminui os recursos lá nos anos 80, e com aquela loucura nos preços, ficamos meio perdidos. E a CAMAL com uma infra-estrutura imensa para manter, e nós aqui no campo ficamos meio abandonados. A partir deste momento se tornamos mais independentes””(Entrevista 1)

“[...] estamos no campo, estamos produzindo, mas não é a mesma coisa. Hoje só se pensa no dinheiro não temos dias de campo, assistência técnica gratuita, mutirão entre associados. Acho que isso se deve aos próprios associados que foram se distanciando e a cooperativa com suas dificuldades que foi aproveitando a situação. Temos num ponto tecnológico e econômico que agricultores pequenos, que nem eu, necessitam de uma nova relação com a cooperativa.”(Entrevista 4)

“No meu modo de ver, hoje só se preocupa com a produção, e antes não.” (Entrevista 2)

“No início havia mutirão, os produtores se ajudavam, a cooperação era grande. Com as mudanças ocorridas nos últimos anos, a CAMAL, e não só ela, os produtores em geral, estão mais distantes. Estamos distanciados principalmente pelas condições financeiras, perdemos aquele vínculo de união.” (Entrevista 4)

Houve um grau de desenvolvimento socioeconômico significativo nos anos 1970 e 1980, porém nos últimos anos é visível a descapitalização dos agricultores familiares ligados a pecuária de leite, fato este que é apontado pelos produtores devido à preocupação da cooperativa somente com as questões agrícolas e falta criatividade para sair da rotina do dia-dia e busca soluções fora do espaço rural como formulação de políticas e estratégias de crescimento.

Nos últimos anos o papel do cooperativismo no desenvolvimento local vai além do papel econômico e tecnológico, conforme Jordán e Zapata (1997) o processo de desenvolvimento local deve fazer emergir o cooperativismo e o associativismo como um reforço a uma economia solidária, a busca do desenvolvimento local, sem dúvida, deve partir das condições e dos recursos disponíveis, das exigências e das relações de forma mais global.

Esta é uma preocupação em relação à CAMAL, visto que seus fundadores e gestores subsequentes tinham como principal objetivo somente “selecionar” sócios imigrantes ou descendentes europeus. Em visita de campo realizada esta diferença fica clara até os dias atuais onde produtores descendentes de agricultores alemães mencionam a diferença entre os colonos europeus, e o “povo brasileiro”, afirmando que a formação cultural foi decisiva para manter-se unidos e não se “misturarem”, ainda persiste de certa forma esta idéia entre seus descendentes, seguindo o exemplo de casamentos de seus filhos com pessoas não descendentes, não são muito bem vistos.

Estes traços sociais são influenciadores diretos do desenvolvimento econômico e social da CAMAL, que se caracteriza, também, por um crescente processo de autonomia para definir seu próprio estilo de desenvolvimento. As contribuições sociais estão no espírito empreendedor com uma firme disposição para agir, autonomia e iniciativa com produtividade através das pessoas usando a mão à obra orientada por valores e formas simples na disposição para refletir e agir na transformação.

A forma de organização em volta do trabalho foi algo que transformou esta relação na região, esta era uma região que apresentava agricultura patronal e ver os donos da terra trabalhando de sol a sol era algo que causa certo espanto entre as pessoas nativas da região,

mesmo que a agricultura familiar não seja uma categoria social recente assumiu ares de novidade e renovação (WANDERLEY, 1995). Estes colonos foram os primeiros agricultores a empregar a mão de obra familiar na atividade campesina aliando esta forma de trabalho com o cooperativismo. Fala-se de uma agricultura familiar como um novo personagem, diferente do camponês tradicional, que teria assumido sua condição de produtor moderno procurando uma viabilidade econômica e social diferenciada.

Para Souza e Waquil (2008), a viabilidade e rentabilidade da agricultura familiar na cadeia do leite esta diretamente ligada às características próprias que esta atividade apresenta como a estratégia de reduzir riscos por meio da diversificação, potencializar a produtividade da mão de obra familiar por meio da tecnificação e incorporação de insumos industriais e buscar segmentos de mercado de alto valor agregado, ou seja, você adequar à tecnologia disponibilizada à realidade local respeitando a situação de cada caso ou propriedade.

Corroborando esta afirmação dos autores, podemos dizer que a CAMAL obteve resultado parcial destes objetivos, através de suas atitudes e de parcerias com entidades estatais e privadas sempre priorizou a tecnificação e uso de insumos modernos pelos seus cooperados na busca pela maximização da produção, otimizando estes recursos e permitindo que, mesmo com mão de obra familiar, estas pessoas conseguissem atender grandes áreas de terra, o que lhe dava condições de atender a produção de leite e a produção de grãos e esta consciência do uso de tecnologias é algo predomina sobre os associados e gestores da cooperativa.

Porém em se tratando de diversificação e buscar segmentos de alto valor agregado à cooperativa não obteve resultados significativos devido a sua ideologia de vender, terceirizar e alugar. Neste sentido em entrevista quando perguntado a um funcionário da CAMAL sobre as estratégias da cooperativa a curto e médio prazo a sua fala revela que:

“Leite se ganha na quantidade, assim você reduz custos, tem volume para poder negociar aumentando a margem de lucro, o volume faz a diferença. Mesmo a CAMAL repassando grande parte de seu leite a COSULATI ainda possui lucros, pois não tem funcionários para pagar, estrutura para manter entre outros fatos, estamos fazendo o nosso papel que é garantir a coleta do leite do produtor. E o mercado para produtos diferenciados é muito concorrido a cooperativa não tem dinheiro para investir neste segmento” (Entrevista 7)

A economia local está concentrada em torno da pecuária leiteira e produção de alguns grãos (soja, sorgo, milho e arroz), a diversificação é algo interessante para a agricultura familiar no sentido de permeabilidade entre as atividades, maior rentabilidade e atração a

novos mercados. Estas atitudes refletem nas características econômicas do município conforme mostra a tabela abaixo que apresenta dados sobre o número de propriedades total e o número de propriedades que produzem leite e grãos.

TABELA 3- Propriedades produtoras de leite e grãos de Hulha Negra, em 2006

| Número propriedades | Produtoras de leite | Propriedades produtoras de leite ligadas à agricultura familiar | Renda média por produtor (R\$/ano) | Produção Média por Propriedade (L/ano) | Produtoras de grãos |
|---------------------|---------------------|---|------------------------------------|--|---------------------|
| 997 | 701 | 613 | 4128 | 10551 | 693 |

Fonte: IBGE – Censo Agropecuário 2006

Desta forma observa-se que a maior contribuição sócio-econômica foi a implantação e a concentração em torno da atividade leiteira e a produção de grãos, evidente que o espírito de cooperação e solidariedade contribuíram e contribuem para o modelo de desenvolvimento local; estas características fazem parte da tradição dos imigrantes aqui chegados e foram passados a outros segmentos agrícolas locais a partir do surgimento e estruturação da CAMAL sendo esta o marco inicial na formação de cooperativas locais. Este legado deixado por seus fundadores está sendo esquecido ao longo dos anos em consequência de transformações familiares. Muitos entrevistados afirmam que este espírito cooperativista foi imprescindível para a fundação da cooperativa, mas com a independência maior das famílias o lado econômico e individualista acaba aflorando e o cooperativismo lembrado apenas na hora de dificuldades.

4.2 As Contribuições técnico-produtivas

Estes imigrantes europeus sempre tiveram tradição em aplicação de tecnologia e absorver novos pacotes tecnológicos. Em Hulha Negra este fato ocorreu, pois estes imigrantes tinham um nível de cultura e de instrução capaz de assimilar estas medidas “modernas” de agricultura, desde a década de 1950 estas famílias já dispunham de máquinas moto mecanizadas para a produção de trigo, com a desvalorização do cereal estas medidas técnico produtivas foram passadas para a nova atividade. Porém estes eram ligados a lavoura sem tradição na criação de animais esta inserção de novas técnicas na produção de leite dependiam de órgãos estatais como o sistema de crédito e extensão rural.

A formação da cooperativa foi importante para este fato, pois esta serviu de aproximação entre produtores e recursos disponibilizados de forma privada ou estatal esta afirmação esta relacionada a um entrevistado ligado a assistência técnica da cooperativa:

“A CAMAL sempre esteve preocupada em ligar os produtores aos agentes financeiros para facilitar seu acesso à tecnologia facilitando sua vida no campo” (Entrevista 6)

Esta mentalidade foi passando de geração em geração e hoje todos os entrevistados possuem resfriadores, ordenhadeiras, usam ração balanceada, sementes licenciadas, inseminação artificial e apresentam uso de tratores em suas atividades (seja alugado ou não). Quando perguntados aos produtores de leite se usam insumos modernos em sua propriedade as respostas são esclarecedoras conforme as falas abaixo citadas:

“Seja ele agricultor familiar ou empresarial, vejo apenas uma alternativa de sobrevivência, estamos sempre nos modernizando e acompanhando o desenvolvimento tecnológico, buscando uma produtividade maior e reduzindo custos, quando não conseguirmos nos adaptar a esta realidade, vamos estar fora da atividade”. (Entrevista 2)

“[...] acho que a busca por tecnologias e novas formas de manejar a atividade não devem ser esquecidas na produção de leite, existe uma especialização dentro da atividade cada vez maior. Usar estes recursos nos ajudam a ser competitivos, você vê, antes para fazer uma pastagem tínhamos que lavrar, gradear, plantar..., hoje vai ali, desseca e planta, e nas épocas de chuva pode colocar as vacas que nem barro faz.” (Entrevista 5)

Outro relato importante é de um dos produtores de leite que evidencia a seguinte idéia sobre o papel da cooperativa na inserção de novas medidas técnico produtivas:

“Antes a CAMAL intermediava esta relação entre nós e o governo, hoje nós vamos em busca de atualização técnica, assistência estadual, federal, buscamos recursos no PRONAF sempre no sentido de acompanhar a evolução das coisas.” (Entrevista 1)

Estas respostas deixam clara a mentalidade que foi introduzida através CAMAL pelos órgãos de pesquisa e extensão rural além de sistemas de créditos que aplicados na década de 1970 surte efeitos até hoje. Uma das maiores contribuintes para a adoção de pacotes tecnológicos ao longo destas décadas foi a Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER) foi criada na década de quarenta sob a ótica da política desenvolvimentista do pós-guerra, com o objetivo de promover a melhoria das condições de vida da população rural e apoiar o processo de modernização da agricultura, inserindo-se nas estratégias voltadas à política de industrialização do país. Em 1956 o presidente Juscelino Kubitschek, cria Associação Brasileira de Crédito e Assistência Rural – ABCAR, constituindo-se, então, um Sistema Nacional articulado com Associações de Crédito e Assistência Rural nos estados na década de 1970 o governo militar implanta o Sistema Brasileiro de Assistência Técnica e Extensão Rural – SIBRATER, coordenado pela Empresa Brasileira de Assistência Técnica e Extensão Rural - EMBRATER e executado pelas empresas estaduais de Ater nos estados, as EMATER

Este modelo extensionista era baseado na Teoria da Difusão de Inovações e nos tradicionais pacotes da “Revolução Verde”, com esta política a cooperativa foi um campo fértil para a implantação desta ideologia, grandes investimentos em infra-estrutura e medidas técnico produtivas, os produtores ligados a cooperativa foram atraídos para este sistema onde prevalece o desenvolvimento econômico. O lado econômico foi fundamental para a formação da cooperativa, porém o lado social ficou esquecido com o alto investimento em infra-estrutura e equipamentos que foram além da capacidade produtiva destas famílias.

Na visita de campo fica o alerta para aqueles que não conseguem acompanhar toda esta evolução, embora todos possuam sistemas mecanizados a diferença entre as tecnologias é muito grande e desproporcional ao volume de produção.

Do ponto de vista técnico produtivo a CAMAL foi importante para atingir um relativo grau de desenvolvimento, porém esta se mantém muito focada no espaço rural, ou seja, encara este espaço somente como um meio de produção. Nos últimos anos com a queda da renda agrícola nada esta sendo feito sobre a busca de alternativas na área de serviços, características turísticas, de indústria, de marketing entre outras atitudes que de fato promovam o desenvolvimento local. Para Souza e Waquil (2008), a adoção de tecnologia requer uma adequação a necessidade local e a capacidade de absorção dos agricultores que viabilizem o desenvolvimento contemplando as dimensões econômica, social e humana. Seguindo o que afirma os autores as cooperativas podem contribuir com mecanismos de desenvolvimento local, claro que não existe uma estratégia ideal para o desenvolvimento de uma comunidade

ou organização; o que existe são modelos e estratégias capazes de atender determinadas situações com relativo grau de acerto conforme o diagnóstico.

Mas para isto ocorrer deve haver uma mudança de conceitos entorno das mudanças tecnológicas que são complexas e se apresentam como fator básico e essencial para promover um desenvolvimento local.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo tem como tema geral o papel da CAMAL como agente de desenvolvimento local e inserção da agricultura familiar na atividade leiteira no município, contribuindo com a auto-suficiência local e racionalidade empresarial através de ações horizontais de crescimento social construindo uma base sólida de sustentação do desenvolvimento local.

Observou-se que as contribuições socioeconômicas decorrentes da construção da CAMAL foram importantes para a atividade leiteira praticada pelos agricultores familiares porque inseriram uma nova atividade agrícola no município aproveitamento os recursos de seu ambiente. Através do cooperativismo criou-se um ambiente propício para que os projetos de desenvolvimento locais conseguissem na sua grande maioria atingir os objetivos traçados e isso gerou um diferencial competitivo de seus associados. Na questão social destaca-se a influência da colonização europeia através de sua religião, forma de trabalho e costumes, essas características são visíveis através de fatores como a conduta na gestão produtiva, formas de organização e mesmo no modo de vida que os agricultores familiares adquiriram nas últimas décadas. As contribuições técnico produtivas implantadas decorrentes da construção da CAMAL se deram através de alianças que buscaram apoio político e financeiro das instituições governamentais e de crédito que encontram uma cultura por parte de seus dirigentes receptivas a novas tecnologias e inovações na busca por eficiência produtiva.

Neste sentido a metodologia usada permitiu encontrar as respostas dos objetivos em questão possibilitando agregar a este trabalho os dados coletados em campo sobre a situação dos atores envolvidos vindo de encontro ao tema abordado, mesmo em um curto espaço de tempo para a pesquisa esta metodologia se mostrou satisfatória permitindo o conhecimento de diferentes realidades em torno da cooperativa e do desenvolvimento local.

Com este trabalho conclui-se que estas contribuições redefiniram o espaço agrário local, porém criaram desajustes entre o campo sócio econômico e técnico-produtivo. Principalmente porque estas medidas técnico produtivas virem prontas de entidades governamentais como as organizações de pesquisa e assistência técnica e inseridas nas propriedades através da cooperativa sem adaptação prévia às condições dos agricultores familiares conforme Souza e Waquil (2008).

Devido a estes fatos e de que a gestão da cooperativa sempre esteve ligada aos descendentes de imigrantes europeus, estando ao longo destes 50 anos muito “fechada” aos demais membros da comunidade, esta situação é contrária a hipótese inicial e segundo Navarro (2001), afirma que desenvolvimento local instiga mudanças, organizações restritas geograficamente com estratégias específicas e remete a descentralização passando pelo plano ambiental, social, cultural, econômico.

Neste processo de modernização e absorção de novas tecnologias a agricultura familiar ligada à atividade leiteira foi a mais prejudicada gerando conflitos sociais e econômicos dentro das propriedades e até mesmo na estrutura da cooperativa comprometendo o desenvolvimento local.

A CAMAL encontra-se em dificuldades para seguir todos os princípios cooperativistas e não consegue evoluir de um padrão econômico e técnico produtivo com reflexos diretos na atividade leiteira e na agricultura familiar, tornado-se uma prestadora de serviços e servindo de plataforma para as grandes indústrias. Se a cooperativa conseguir solucionar seus problemas organizacionais e adotar estratégias que permitam competir eficientemente no mercado de lácteos, retomará sua importância no futuro da agricultura familiar ligada a atividade leiteira e conseqüentemente no desenvolvimento local.

Este trabalho apresenta algumas limitações como à falta de abertura dos entrevistados quanto ao fornecimento de informações, fato este que ocorre devido a suas características culturais, agindo com precauções quando o assunto é referente a seus interesses pessoais ou da cooperativa. Também a dificuldade de comparação com outras comunidades e assentamentos rurais locais devidos aos prazos previamente estabelecidos.

Espera-se que esse trabalho possa contribuir para a reflexão das ações estratégicas da CAMAL e de seu relacionamento com seus associados, entendendo que a cooperativa encontra-se num ambiente extremamente competitivo e globalizado.

Outra contribuição é a possibilidade de servir de base e de sugestão para trabalhos futuros. Alguns pontos deste trabalho poderiam ser aprofundados, como por exemplo, de que forma a CAMAL poderia atuar junto a comunidade local aproveitando o material humano e infra-estrutura na busca por novas oportunidades econômicas ? E até mesmo o objetivo geral deste trabalho poderá apresentar outros resultados desde que seja usada metodologia de pesquisa diferente podendo gerar novos dados que levarão a outra interpretação e até mesmo novos focos de estudo.

REFERÊNCIAS¹⁰

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6023: referências bibliográficas**. Rio de Janeiro, 2002.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 14724: referências bibliográficas**. Rio de Janeiro, 2011.

ARRUDA, M. **Globalização e América Latina: oportunidades e desafios**. Congresso Luterano Latino-Americano. (IX) Rodeio, SC: PACS, setembro 1998, 12 p.

BEROLDT, L. *et al.* **Seminário Integrador I** / coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. 88 p.

BENETTI, M. D. **Origem e formação do cooperativismo empresarial no RS: uma análise do desenvolvimento da Cotrijuí, Cotrisa e Fecotrigo, 1957-1980**. Porto Alegre: FEE, 1982.

BITENCOURT, D.; XAVIER, S.; BRIZOLA, R.; TERRA, V. **A situação atual da pecuária leiteira no RS e tendências futuras**. In Prates. E. R. et al (org) II encontro anual da UFRGS sobre a nutrição de ruminantes: novos desafios para a produção leiteira no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: UFRGS, 2000.

BRDE, Banco **Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul. Redes de agroindústria de pequeno porte: experiências do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre, 2004. 154 p.

COELHO, F.; D., FONTES, A. **Redel: as redes de desenvolvimento econômico local**. In: Fórum Nacional de Apoio ao Desenvolvimento Local Integrado e Sustentável. Caderno Temático. Brasília, BNB, 1998.

DAL SOGLIO, F.; KUBO, R. R. **Agricultura e sustentabilidade**; coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS.– Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

¹⁰ Baseada na NBR -6023/2002, da Associação brasileira de Normas Técnicas (ABNT).

EMPRESA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA E EXTENSÃO RURAL DE SANTA CATARINA S. A - EPAGRI – Centro de Pesquisa para Pequenas Propriedades CPPP. **Participação da produção familiar na reestruturação da cadeia produtiva do leite.** Disponível em <<http://www.cria.org.br/gip/gipaf/itens/publ/epagri/epagri98.doc>> Acesso em 19/01/10>.

EW, A. R. **A reestruturação do cooperativismo agropecuário no RS. Os casos da COSUEL E COAPEL.** Porto Alegre: UFRGS/PGDR. 2001. Dissertação de Mestrado.

FIGUEIRA, S R.; BELIK, W. **Transformações no Elo Industrial da Cadeia Produtiva do Leite.** Artigo publicado no Vol. VII / 1999 da Revista Cadernos de Debate, uma publicação do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Alimentação da UNICAMP, páginas 31-44

GEHLEN, I.; MOCELIN, D. G. **Organização social e movimentos sociais rurais** coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. 96 p.

GERHARDT, C. H. **Agricultores Familiares, Mediadores Sociais e Meio Ambiente: a construção da 'problemática ambiental' em agro-eco-sistemas.** 2002. Dissertação de Mestrado em Desenvolvimento Rural/ UFRGS. Em especial capítulo 6. Disponível em <<http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=000374130&loc=2004&l=307ce4ed082cb56>> Acesso em 12/08/2010

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais.** Rio de Janeiro, Record, 1999.

GRAZIANO DA SILVA, J. **A Nova dinâmica da Agricultura Brasileira.** São Paulo: UNICAMP. IE, 1998. 2ªed.
rev.<http://antares.ucpel.tche.br/itepa/itepa1/25_anos/disco18/diag_agric_p..> Acesso em 05/11/2009.

IGNACIO; O. M. C.; DE SÁ, E. M. SOUZA. **Gestão estratégica aplicada ao cooperativismo solidário: uma alternativa de fortalecimento para os agricultores familiares.** 2008. XLVI SOBER Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural. Rio Branco – Acre, 20 a 23 de julho de 2008.
<www.sober.org.br/palestra/9/885.pdf> Citação no texto (ROESCH, 2005, p. 252). Acesso em 10/05/2011.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Agropecuário 1995-1996.** Rio de Janeiro. 1996. Disponível em <<http://www.sidra.ibge.gov.br>> Acesso em 20 /05/2009.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Agropecuário 2005-2006**. Rio de Janeiro. 2006. Disponível em <<http://www.sidra.ibge.gov.br>> Acesso em 20 /05/2009.

INSTITUTO DE ECONOMIA AGRÍCOLA. **Análises e Indicadores do Agronegócio**. v. 2, n.10, outubro 2007, Disponível em < <http://www.iea.sp.gov.br>>, disponível no modulo 2 da disciplina Derad 16 mercados e comercialização de produtos agrícolas, PLAGEDER. UFRGS, 2009.

JORDÁN, A.; ZAPATA, T. **Metodologia de capacitação em apoio ao desenvolvimento local. Proposta**. Rio de Janeiro: n. 75, dez / fev. 1998, p. 74-83.

KAGEYAMA, A. **Desenvolvimento Rural: conceitos**. *Cadernos de Ciência & Tecnologia*, Brasília, v. 21, n. 3, p. 379-409, set.-dez. 2004.

LUNELLI, J. P. **Razões do desenvolvimento sócio-econômico distintivo de Colônia Nova, distrito do município de Aceguá-RS**, 2001. Tese de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Escola de Administração. Programa de Pós-Graduação em Administração. Porto Alegre, 2001. Disponível em <www.lume.ufrgs.br/handle/10183/2734> Acesso em 15/03/2011

MARASCHIN, A. F. **As relações entre produtores de leite e cooperativas**. Um estudo de caso na bacia leiteira de Santa Rosa - RS. UFRGS/PGDR, Porto Alegre, 2004. <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/6407/000485056.pdf?sequence=1> Acesso em 23/02/2011.

NAVARRO, Z. **Desenvolvimento rural no Brasil: os limites do passado e os caminhos do futuro**. *Estudos Avançados*, São Paulo, USP, v. 15, n. 43, p. 83-99, 2001.

NIEDERLE P. A.; SCHUBERT, M. N. **Concorrentes, híbridos e relacionais: os novos e velhos mercados da agricultura familiar frente ao desenvolvimento de uma economia de qualidades**. 47º SOBER, 2009 <<http://www.sober.org.br/palestra/13/211.pdf>> Acesso em 23/02/2011

OTT, H. **CAMAL 50 anos- Atos e Fatos Que Fizeram História**. Bagé, v.1, 2009.

RELATÓRIO EXERCÍCIO 2009. **Cooperativa Agrícola Mista Aceguá Ltda**. Bagé, 2010.

RIBEIRO, C. M. **O Centro de Recria de terneiras leiteiras em Bagé RS: uma experiência de integração e desenvolvimento local e seus impactos iniciais.** Bagé/RS. EMATER, 2000 p8-12.

RIO GRANDE DO SUL, Assembléia Legislativa do estado do Rio Grande do Sul. CPI do Preço do Leite; Relatório final, http://www.al.rs.gov.br/download/CPI_Leite/rel-cpi_leite.pdf Acesso em 20/05/2010 Citação no texto Assembléia Legislativa da Rio Grande do Sul

SOUZA, R. S. **Fatores de Formação e desenvolvimento das Estratégias Ambientais nas Empresas,** 2004. Tese de Doutorado em Administração, Programa de Pós-Graduação em Administração. UFRGS, Porto Alegre, 2004.

SCHNEIDER, S. **Agricultura Familiar e Desenvolvimento Rural Endógeno: Elementos Teóricos e um Estudo de Caso.** In: FROEHLICH, M. DIESEL, V. **Desenvolvimento Rural – Tendências e Debates Contemporâneos.** Ed. UNIJUI, Ijuí, 2006.

TORMEM, P. CASARI, P. **Atividade leiteira, agricultura familiar e desenvolvimento regional: estudo de caso da linha Tormem, Chapecó – SC. XLVI SOBER** Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural. Rio Branco – Acre, 20 a 23 de julho de 2008

SOUZA R. P. SOUZA M. S. **A viabilidade do sistema coorlac (rs) A partir da imersão social: o olhar da Sociologia econômica.** V Encontro de Pesquisadores Latino-Americanos de cooperativismo
<http://www.fundace.org.br/cooperativismo/arquivos_pesquisa_ica_la_2008/089-souza.pdf>
Acesso em 15/03/2011.

VEIGA, J. E. da. **A face rural do desenvolvimento: natureza, território e agricultura.** Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2000.

WANDERLEY, M. N. B.. **A agricultura familiar no Brasil: um espaço em construção.** 1995. Mimeo

WAQUIL, P.; SOUZA, R. **A viabilidade da agricultura familiar produtora de leite: o caso do sistema COORLAC (RS).** In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL, 46, *Anais...*, Rio Branco, 2008.

**APÊNDICE - A- Roteiro de entrevista semi-estruturada aos produtores de leite ligados a
CAMAL**

Nome:

Local e data da entrevista:

Pessoas que moram na Propriedade? Media de idade?

Área da Propriedade? Quantos hectares são usados para a atividade leiteira?

Mão de obra aplicada na produção de leite?

Possui variação na produção durante diferentes épocas do ano? Por quê?

Você utiliza máquinas e/ou insumos?Quais?

Adubo?

Por que começou a produzir leite?

Há quanto tempo você esta participando do sistema cooperativo?

Qual a relação entre o cooperativismo e a agricultura familiar na produção de leite local?

Que mudanças no cooperativismo você gostaria de salientar?

Como você percebe a relação da CAMAL com o produtor atualmente?

Ao longo do tempo, em sua visão, quais foram as transformações nesta relação?

Por que você trabalha com leite, se o resultado econômico dos últimos anos é ruim enquanto a produção de grãos é crescente?

Com as transformações ocorridas na CAMAL nos últimos anos, o que você mais destacaria?

Você acredita que haja uma maior dificuldade no relacionamento com a cooperativa devido às transformações agroindustriais e de mercado que a CAMAL teve de se ajustar?

No seu ponto de vista, quais atividades poderiam ser desenvolvidas para melhorar o desempenho da cooperativa?

Por que você não vende leite diretamente para a indústria?

No seu ponto de vista qual é o gargalo da produção de leite local ?

Você tem acesso a financiamentos agrícolas?

Você recebe assistência técnica permanentemente? Essa assistência técnica é proveniente de qual (ou quais) instituição (ões) ou organização (ões) ?

**APÊNDICE - B- Roteiro de entrevista semi-estruturada aos funcionários ligados a
CAMAL**

Perguntas aos dirigentes da CAMAL

Nome:

Função:

Data

Escolaridade:

Qual objetivo da cooperativa enquanto organização?

No seu ponto de vista qual é o principal ou os principais gargalo (s) na produção de leite local ?

Com a entrada de multinacionais no mercado lácteo da região como você avalia o comportamento da CAMAL pra enfrentar esta concorrência?

Qual a estratégia da cooperativa a curto e médio prazo para isso com relação a:

Agregação de valor de produtos?

Medidas em relação aos produtores?

Diversificação de produtos?

A CAMAL possui beneficiamento de cereais, como o leite pode influenciar na fidelidade do produtor que entrega grãos a cooperativa?

No seu ponto de vista qual a importância da agricultura familiar para as atividades da cooperativa?

Por que a CAMAL trabalha com leite, se o resultado econômico dos últimos anos é ruim enquanto a produção de grãos é crescente?

Quais as parcerias que a CAMAL possui dentro e fora do sistema cooperativo?

Diante da atuação de grandes complexos agroindustriais na cadeia produtiva do leite local, como você vê a situação da CAMAL?

APÊNDICE C – Lista de pessoas que responderam as entrevista semi-estruturada

Pessoas que colaboraram com a pesquisa a campo, grupo nos quais participaram produtores de leite ligados à agricultura familiar e sócios da CAMAL e funcionários da cooperativa ligados ao setor lácteo. Estas entrevistas semi-estruturadas foram realizadas em Hulha Negra no mês de abril de 2011.

Carlos, agricultor familiar envolvido com as atividades comerciais ligadas ao setor de laticínios da CAMAL – Hulha Negra/RS – Abril de 2011.

Nelson, agricultor familiar envolvido com as atividades comerciais ligadas ao setor de laticínios da CAMAL – Hulha Negra/RS – Abril de 2011.

Elenice, agricultora familiar envolvido com as atividades comerciais ligadas ao setor de laticínios da CAMAL – Hulha Negra/RS – Abril de 2011.

Dielen, agricultora familiar envolvida com as atividades comerciais ligadas ao setor de laticínios da CAMAL – Hulha Negra/RS – Abril de 2011.

Luiz, agricultores familiares envolvido com as atividades comerciais ligadas ao setor de laticínios CAMAL – Hulha Negra/RS – Abril de 2011.

Flávio, Engenheiro Agrônomo, responsável pela assistência técnica da CAMAL – Hulha Negra – Abril de 2011.

Júlio, Encarregado, responsável pela planta industrial de laticínios da CAMAL – Hulha Negra – Abril de 2011.

ANEXO

ANEXO A - Fotos da CAMAL ao longo sua trajetória



Figura 1: Recebimento do leite em 1/11/1961
Fonte: CAMAL (2011)



Figura 2: Inauguração da nova planta industrial 1970
Fonte CAMAL (2011)



Figura 3: Visita do presidente Médici a sede da cooperativa (1976)
Fonte: CAMAL (2011)



Figura 4: Planta industrial na década de 1990
Fonte: CAMAL (2011)



Figura 5: Coleta de leite pelos caminhões da COSULATI na sede da CAMAL.
Fonte CAMAL (2011)